



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CURSO SERVIÇO SOCIAL

PRISCILA GREICE DOS SANTOS CABRAL

ASSISTENTE SOCIAL E SUPERVISOR DE CAMPO:
MUITO PRAZER!

Conhecendo a experiência de supervisão de campo da 1ª
turma de Serviço Social da UNIFESP/BS

SANTOS/SP

2013

PRISCILA GREICE DOS SANTOS CABRAL

ASSISTENTE SOCIAL E SUPERVISOR DE CAMPO:

MUITO PRAZER!

Conhecendo a experiência de supervisão de campo da 1ª
turma de Serviço Social da UNIFESP/BS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de São
Paulo como pré-requisito para a obtenção do
Bacharelado em Serviço Social, orientado
pela Professora Doutora em Serviço Social
Priscila Cardoso.

SANTOS/SP

2013

C1171a

Cabral, Priscila Greice dos Santos – 1984

Assistente social e supervisor de campo: Muito Prazer!
- conhecendo a experiência de supervisão de campo da
1ª turma de Serviço Social da UNIFESP-BS / Priscila
Greice dos Santos Cabral. – 2013.
89 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Profª. Drª. Priscila Fernanda Gonçalves
Cardoso.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Serviço Social. Universidade Federal de São Paulo -
UNIFESP, 2013.

1. Estágio supervisionado. 2. Serviço social. 3.
Supervisão de campo. I. Cardoso, Priscila Fernanda
Gonçalves. II. Título.

PRISCILA GREICE DOS SANTOS CABRAL

ASSISTENTE SOCIAL E SUPERVISOR DE CAMPO:

MUITO PRAZER!

Conhecendo a experiência de supervisão de campo da 1ª
turma de Serviço Social da UNIFESP/BS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Serviço Social pela
Universidade Federal de São Paulo –
UNIFESP.

Data de defesa: 09 de abril de 2013.

Resultado:_____.

BANCA EXAMINADORA

Priscila Fernanda Gonçalves Cardoso
Universidade Federal de São Paulo

Prof.^a Dr.^a _____

Luciana Maria Cavalcante Melo
Universidade Federal de São Paulo

Prof.^a Dr.^a _____

A Deus,

quem me formou e me capacitou na realização desse trabalho. Pela força e inspiração que me deste em dias de desânimo. Senhor! Sem Ti eu jamais conseguiria.

Ao meu marido, Felipe Cabral

pelo carinho, amor e paciência nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

“O tempo passa, lembranças ficam
coisas tão boas de se lembrar
no coração guardado está muitas emoções,
que o tempo não apaga, não
Lembrar de alguém que se conheceu e
se tornou especial, foi um prazer
Te conhecer, como foi bom te encontrar.
Mas se por acaso, não nos virmos mais,
em meu coração sempre estarás.”
(Cristina Mel)

A Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, por estar ao meu lado em todos os momentos. Eu sou dos três!

Aos meus pais, **Rute** e **Roberto** que sempre me estimularam a conhecer e aprender e, que fazem parte dessa conquista. Obrigada pelas orações. Vocês são maravilhosos! Amo muito vocês!

Ao meu avô **Raimundo** (in memoriam) que mesmo não frequentando as salas de uma universidade, sempre quis ver os netos todos formados. Não deu tempo para que ele visse, mas seu desejo foi contagiante e me impulsionou até aqui.

À toda minha família, em especial minha irmã, **Renata** quem me auxiliou na correção deste trabalho e ao meu irmão, **Renato** quem me forneceu os recursos materiais (impressora e tinta.....rs) para que as páginas desse trabalho pudessem ser lidas.

Às minhas sobrinhas **Ana Carolina**, **Maria Eduarda** e **Júlia Karan** pelos momentos em que não pude estar com elas, mas mesmo sendo tão pequenas, souberam entender e compreender esse momento da minha vida. Os TCC's de vocês vão chegar e estarei lá para apoiá-las. A tia ama vocês, meninas!!!

E o mais novo membro da família, minha sobrinha **Laura** (4 meses), que com seu nascimento me ensina que a vida é um eterno recomeçar.

Aos meus sogros, **Léa** e **Cabral** pelas orações e torcida.

Aos professores do curso de Serviço Social da UNIFESP, que estiveram comigo nessa trajetória. Guardo lembranças de cada um que passou pela minha vida. Alguns foram mais que especiais, deixaram marcas inesquecíveis (**Tânia Diniz**, seu conhecimento e sensibilidade me entusiasma; **Ana Rojas**, sentirei saudades do seu: “francamente!” (risos); **Sylvia Dantas**, suas aulas ainda ecoam em minha mente; **Andréa Torres**, sua forma objetiva me ensina que a vida não precisa ser tão complicada).

À minha orientadora e amiga, Prof.^a Dr.^a **Priscila Cardoso**, pela confiança, dedicação, paciência, pelo tempo disponibilizado e por tudo que me ensinou para que

pudesse concluir esse trabalho. Você é uma professora brilhante e sinto-me orgulhosa de ser sua orientanda. Espero construir mais coisas com você. Quero encontrá-la sempre, pela vida afora!

À Prof.^a Dr.^a **Luciana Melo**, por aceitar o convite de fazer parte da banca examinadora deste trabalho e desse momento tão especial na minha vida. Obrigada!

À UNIFESP pela oportunidade de poder me desenvolver pessoal e profissionalmente.

Aos amigos e companheiros que fiz nessa caminhada. Vocês são maravilhosos! Levo um pedacinho de cada um e espero ter deixado um pouquinho de mim, também.

Às companheiras, **Ana Carla** e **Andiara**, por tudo que vivemos e sofremos para chegar até aqui. Partilhamos da mesma experiência de vir de outra instituição e poder trilhar os caminhos da universidade pública. Pelos “combinados” em dias de concurso, pelas caronas (Andiara), pelas conversas, pela amizade, enfim, por tudo.

Aos amigos, **Wildney**, **Itamar**, **William** e **Luan**, uns dos poucos meninos de nossa sala. A presença de vocês abrilhantou aquele espaço.

Às amigas, **Amanda**, pela criatividade e por tornar nossas noites tão doces (sentirei falta dos brigadeiros...rs); e **Andreia**, com sua “falsa” despreocupação, demonstra que tudo “tá sob controle”, “suave”.

Às amigas **Edileuza**, **Juliana** e **Ana Carla** (de novo.....rs) pelo apoio e carinho nessas andanças de orientações e elaboração de TCC.

À **Iasmim** por sua bondade e humildade. Minha incentivadora nessa produção. Obrigada pelos dias em que precisava de uma palavra amiga para me animar e você estava lá para dizê-la. Fico feliz em saber que partilhamos a mesma fé e que isso nos torna irmãs em Cristo. Levo você no meu coração, na minha memória. Não quero encontrá-la só pelos caminhos da profissão, mas pelos caminhos da vida, da amizade, transpondo os muros da universidade para o caminho da amizade diária. Quero tê-la como amiga constante, não apenas uma lembrança de um período que já vai passando. Amo você!

Aos professores da Universidade Monte Serrat – UNIMONTE (em especial **Maurício Silva**, **Marcelo Burgos**, **Tânia Vieira** e **Simone Batista**). Vocês foram os primeiros mestres dessa caminhada. Espero encontrá-los pela vida e, se assim não for, os levo na memória.

Aos assistentes sociais/supervisores de campo e aos estudantes/estagiários por sua contribuição para a elaboração deste trabalho.

E, finalmente, em especial ao meu marido, **Felipe Cabral** quem me incentivou a ingressar na universidade e que desde sempre me apoia. Quando ingressei na Iniciação Científica, você iniciou junto comigo. Sabia que muitas vezes não teria tempo, mas mesmo assim, me incentivava e se entusiasmava com cada conquista. Você foi meus ouvidos nas leituras dos textos e crítico no desenvolvimento dos relatórios. Com a chegada do TCC nada

foi diferente. Você esteve lá em todo tempo me ouvindo falar dos textos, das ideias, ouvindo meus choros e meus sorrisos. Quando pensava em desanimar você estava lá dizendo: - tá acabando, só mais um pouquinho, você consegue!!! Tinha dias que o nervosismo tomava conta de mim e você percebendo ficava calado para não me afligir, sabendo que esse era um momento tão esperado por mim. Tudo isso foi primordial para que eu chegasse até aqui. Sua parceria foi e é fundamental na minha vida. Agradeço a Deus por ter você em minha vida. Você é mais que um marido, você é meu amigo, meu irmão, meu parceiro. Eu te amo muito!

*"Ninguém entra em um mesmo rio uma segunda vez,
pois quando isso acontece já não se é o mesmo,
assim como as águas que já serão outras."
Heráclito*

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo que, visou desvendar como se dá o processo de supervisão de estágio compreendido como parte do trabalho profissional dos assistentes sociais, tendo como sujeitos os assistentes sociais/supervisores de campo da primeira turma de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista – UNIFESP/BS. Os dados obtidos para análise da pesquisa foram colhidos a partir de um questionário com perguntas fechadas e abertas, enviado a todos os supervisores desta turma, tendo como retorno 43,3%. Considerando o estágio supervisionado como parte do trabalho profissional dos assistentes sociais, buscamos, primeiramente, entender o trabalho enquanto fundante do ser social e como este é entendido na sociedade de classes, identificando o trabalho profissional do assistente social dentro dessa dinâmica. A supervisão de campo de estágio aparece nesse sentido, como uma atribuição do assistente social que se torna corresponsável na formação de futuros profissionais de Serviço Social, pois possibilita ao estudante/estagiário a apreensão real da unidade teoria/prática, podendo também, contribuir no fortalecimento do Projeto Ético Político da profissão. Pudemos então, conhecer junto a estes supervisores os caminhos e descaminhos por eles vivenciados no processo de supervisionar os estudantes desta primeira turma, o que nos conduziu a sistematizações acerca desse processo e seus desafios. Assim, consideramos ser este um estudo importante para a compreensão da formação dos estudantes de Serviço Social da primeira turma da UNIFESP/BS, pois além de proporcionar um mapeamento do perfil dos assistentes sociais/supervisores de campo, tendo um registro histórico do processo de supervisão de estágio dessa primeira turma, traz elementos para pensar a Política de Estágio do curso Serviço Social, tornando a supervisão de estágio, um processo cada vez mais qualificado para o crescimento formativo dos estudantes deste curso.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado – Serviço Social – Supervisão de Campo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	
O Trabalho Profissional do Assistente Social	15
CAPÍTULO 2	
O Estágio Supervisionado na Formação Profissional do Assistente Social	25
CAPÍTULO 3	
O Assistente Social e o Processo de Supervisão dos Estagiários da Primeira Turma de Serviço Social da UNIFESP/BS	36
3.1 - Conhecendo os Supervisores de Campo da Primeira Turma	40
3.2 – Concepção e Vivência da Supervisão de Campo	45
A – Concepção de Supervisão de Estágio em Serviço Social	46
B - Processo de Supervisão de Estágio	50
b.1 – Dinâmica da Supervisão	50
b.2 - Estratégias Utilizadas para a Supervisão	54
C - Condições para Realização da Supervisão de Estágio	57
c.1 - Instituição Concedente do Estágio	58
c.2 - Conhecimento Profissional do Supervisor de Campo	60
c.3 – Universidade	62
c.4 – Estudante/estagiário	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	74
ANEXOS	77

INTRODUÇÃO

O momento que vivemos é um momento pleno de desafios. Mais do que nunca é preciso ter coragem, é preciso ter esperanças para enfrentar o presente. É preciso resistir e sonhar. É necessário alimentar sonhos e concretizá-los dia a dia no horizonte de novos tempos mais humanos, mais justos, mais solidários.

Marilda Iamamoto

Este estudo é produto do meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, parte integrante do meu processo de formação no curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista – UNIFESP/BS.

O trabalho em questão, não diz respeito apenas, a um requisito para a obtenção do título de bacharel em Serviço Social, mas revela a minha inquietação, enquanto pesquisadora, em conhecer os processos de trabalho que envolvem o assistente social, o que também, resultou na escolha desse tema.

Durante os quatro anos de curso fui sentindo o interesse pulsante em conhecer mais o trabalho profissional do assistente social. Participei do Programa Institucional de Iniciação Científica – PIBIC – apreendendo sobre o trabalho do assistente social em uma das diferentes áreas em que atua esse profissional, a saúde¹.

Com minha inserção no campo de estágio, vários questionamentos foram surgindo e meu interesse nesta temática se ampliando, onde mais uma vez estava presente a ideia do trabalho profissional e uma de suas atribuições: ser supervisor de estágio.

A instituição na qual estagiei era no setor público na área da habitação. Permaneci durante dois anos, realizando nela os quatro períodos de estágio obrigatório, solicitados pela instituição de ensino².

Durante esse período, pude analisar as atividades atribuídas ao Serviço Social na instituição, o seu desenvolvimento e o modo como se estabelecia a relação entre as supervisoras e os estagiários. Concomitantemente, a supervisão acadêmica e a troca com os demais colegas que estavam estagiando, fomentava ainda mais o meu interesse pelo tema da supervisão de estágio em Serviço Social.

Dessa forma, essa vivência me fez querer então, entender como ocorria o processo de supervisão de campo de estágio da primeira turma de Serviço Social da UNIFESP/BS,

¹ Nos anos de 2010 a 2012 sob orientação da Prof.^a Dr.^a Priscila Cardoso, sob o título Análise das condições de trabalho e dos referenciais teórico-metodológicos na intervenção dos assistentes sociais na área da saúde no município de Santos.

² Secretaria Municipal de Habitação de São Vicente, sob a supervisão da Assistente Social Thaís Martins, Sheila Azeredo e posteriormente da Assistente Social Luciene Freitas.

entendendo a supervisão de estágio como parte do trabalho profissional do assistente social.

Mobilizada pelo desejo de conhecer mais de perto as questões que envolvem o cotidiano dos supervisores de campo e as possibilidades e dificuldades que compõe tal cotidiano, deparei-me ainda com o desejo de poder deixar um registro sobre os supervisores de campo dessa primeira turma de Serviço Social da UNIFESP/BS, entendendo a importância histórica posta nesta possibilidade.

Para entender este processo, construímos nosso caminho que envolveu a realização de pesquisas bibliográficas para o aprofundamento de temas e conteúdos e a realização da pesquisa de campo.

Como resultado, dividimos o presente trabalho em três capítulos. O primeiro trata do trabalho profissional do assistente social, fazendo uma discussão conceitual sobre trabalho e seus desdobramentos históricos e a supervisão de estágio como parte deste trabalho entendida como atribuição do profissional de Serviço Social.

O segundo capítulo trata do estágio supervisionado. Sua conceituação e importância na formação de estudantes do curso de Serviço Social, tendo como pressupostos as Diretrizes Curriculares e a Política Nacional de estágio. O estágio supervisionado deve ser entendido não só como requisito para a graduação, mas como peça importante na constituição de profissionais assistentes sociais capazes de dialogar com a teoria no seu exercício profissional.

O terceiro capítulo trata da análise do material coletado com os assistentes sociais/supervisores de campo entrevistados, comentando sobre o assistente social e o processo de supervisão dos estagiários da primeira turma de Serviço Social da UNIFESP/BS, reconhecendo qual a concepção que esses profissionais têm sobre a supervisão de estágio, conhecendo às estratégias teórico/metodológicas que os assistentes sociais/supervisores de campo utilizam para realizar uma supervisão de estágio qualificada. A pesquisa foi realizada por meio de entrevista com treze supervisores de campo, através de questionário dividido em duas partes: a primeira com perguntas fechadas – dados de identificação – a segunda com perguntas abertas; explanação livre de supervisores sobre o processo de supervisão.

Por fim, o trabalho busca contribuir na apreensão de como se dá o processo de supervisão de estágio como parte do trabalho profissional dos assistentes sociais/supervisores de campo da primeira turma de Serviço Social da UNIFESP/BS, apontando os desafios presentes para a concretização de uma supervisão de campo de estágio qualificada, onde os sujeitos envolvidos (supervisor acadêmico, supervisor de campo e estudante/estagiário) juntos, possam criar mecanismos que superem estes

desafios. Este trabalho visa também, contribuir na construção da Política de Estágio do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS possibilitando dialogar ainda mais sobre esta temática tão importante para a profissão e para o fortalecimento do nosso Projeto Ético Político.

I – O TRABALHO PROFISSIONAL DO ASSISTENTE SOCIAL

*Os tempos mudavam, no devagar
depressa dos tempos.
Guimarães Rosa*

Para entender o estágio como parte das atribuições do trabalho profissional do assistente social é necessário antes, entendermos o que estamos chamando de trabalho profissional.

Neste primeiro capítulo discutiremos, portanto, o conceito de trabalho, a noção de trabalho profissional do assistente social e a supervisão de estágio como parte de suas atribuições. Para isso, iniciamos o texto observando a respeito do que é trabalho e este entendido na sociedade de classes, o Serviço Social como especialização do trabalho, tais como suas características e, também como profissão regulamentada que tem diversas atribuições, dentre elas a supervisão de estágio.

Com as constantes mudanças ocorridas no mundo do trabalho, mudanças estas que interferem e apresentam ao Serviço Social novos desafios, há a necessidade de se conhecer essa categoria trabalho que

“...além de indispensável para a compreensão da atividade econômica, faz referência ao próprio modo de ser dos homens e da sociedade.” (NETTO e BRAZ, 2010,p.29)

Ao refletir sobre a categoria trabalho, geralmente pensamos em emprego, como se ambos fossem sinônimos. Porém, embora exista uma relação entre eles, podemos dizer que trabalho está muito além de ser, meramente, um emprego. Para compreender o que é trabalho de fato, é preciso entendê-lo em duas dimensões: ontologicamente e na sociedade de classes.

Vejamos então, o trabalho enquanto dimensão ontológica do ser social e como dimensão na sociedade de classes (o trabalho assalariado).

É por meio do trabalho que o homem transforma a natureza para que suas necessidades possam ser supridas. Assim, nessa relação homem/natureza é que se têm as condições necessárias para a reprodução da sociedade.

[...] a sociedade, através dos seus membros (homens e mulheres), transforma matérias naturais em produtos que atendem às suas necessidades. Essa transformação é realizada através da atividade a que denominamos trabalho. (NETTO e BRAZ, 2010, p.30)

Dessa forma, o trabalho é o processo necessário para responder as necessidades dos homens.

Ontologicamente é por meio do trabalho que o homem se objetiva, desse modo, o trabalho é uma forma de objetivação do ser social. Através de sua capacidade teleológica, ou seja, de projetar em sua consciência algo ainda a ser realizado, o homem transforma a natureza, sendo que, ao transformar a natureza também é transformado por ela, pois desenvolve novas habilidades e supera desafios colocados ante aquilo que desejava alcançar.

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. (MARX, 2010, p. 211 e 212)

Como observa Lessa (1999) a capacidade teleológica permite ao homem “antecipar na consciência o resultado provável das alternativas”, alternativas essas, já apresentadas anteriormente para a escolha.

Para entendermos melhor, vamos pensar numa situação concreta. O homem tem uma necessidade eminente, se aquecer do frio. E para isso possui alguns artifícios possíveis: pele de animais, cobertor etc. Dentre as alternativas colocadas, o homem, em meio à busca de satisfazer suas necessidades “inventa” um novo modo para se aquecer. Através, de sua capacidade teleológica (“antecipar na consciência o resultado provável das alternativas”) o homem pensa uma nova possibilidade, o que por meio da transformação da natureza, origina o fogo.

O homem transforma a natureza para descobrir o fogo e, essa descoberta pode contribuir na satisfação de outras e/ou novas necessidades como: assar os alimentos; aquecer a água etc., objetivando a alternativa pensada previamente.

Estas novas necessidades e novas possibilidades impulsionam o indivíduo a novas prévias ideações, a novos projetos e, em seguida, a novas objetivações. Estas, por sua vez, dão origem a novas situações que farão surgir novas necessidades e possibilidades de objetivação, e assim por diante. (LESSA, 1999, p. 23)

Observando ainda o exemplo do fogo, este conhecimento acarretou em novos conhecimentos, o que contribuiu na concretização de grandes tecnologias atuais como, por exemplo, o fogão, o microondas etc.

Portanto, pensar o trabalho em sua forma ontológica é pensar o homem como um ser social que se objetiva por meio do trabalho, onde o resultado deste é, sempre, a

transformação da realidade. O homem é um ser dotado de uma capacidade de “armazenar” o conhecimento adquirido de tal forma que, diante de novas necessidades, pode se usar deste mesmo conhecimento, ampliando-o para a satisfação dessas novas necessidades. Tal conhecimento, não é de um só homem, mas passa ser da humanidade, da espécie humana como um todo.

Com isso, ao realizar um trabalho, o homem, também expõe a si mesmo, expressando-se, pois ao produzir produtos que atendam suas necessidades, o homem, além de demonstrar sua intencionalidade quanto à finalidade do produto, também, no processo de trabalho, deixa transparecer seus valores, sua visão de mundo, quem ele é. Dessa forma, o que é produzido pelo homem, carrega consigo identificações de quem o produziu, reconhecendo-se no produto final de seu trabalho, ao mesmo tempo em que influencia a criação de valores e a constituição de quem este ser é.

Reafirma-se assim, que a categoria trabalho é ontológica, o que determina a humanização do homem, pois diferente dos outros animais, o homem é o único que projeta, pensa sobre aquilo que quer construir trazendo intencionalidade a sua ação. Vale ressaltar, que tal fato não se dá de forma isolada ou separada, mas sim no contato com a realidade e com outros homens, pois o trabalho tem caráter coletivo. Essa realidade proporciona ao homem refletir, pensar e projetar novas estratégias, novos produtos etc. É no contato com a realidade e através de sua capacidade teleológica que o homem direciona sua ação, criando uma intencionalidade para tal na relação com a natureza e com os outros homens.

Por meio do trabalho o homem se objetiva, ou seja, transforma o que foi previamente idealizado, em um objeto real, concreto, externo a si mesmo. Então, ao satisfazer determinadas necessidades, através do trabalho, outras necessidades são suscitadas, colocando ao homem novos desafios que, remetem ao trabalho.

O resultado do processo de trabalho é, sempre, alguma transformação da realidade. Toda objetivação produz uma nova situação, pois tanto a realidade já não é mais a mesma (em alguma coisa ela foi transformada), como também o indivíduo já não é mais o mesmo. (LESSA, 1999, p.22)

Assim, ao projetar suas ações, criar uma intencionalidade para elas, transformar a natureza e se objetivar através do trabalho, o homem se define como um ser social, pois através disso ele passa a desenvolver relação com a natureza, mas também com outros seres humanos, distinguindo-se do restante da natureza, estabelecendo assim, as relações sociais.

Conforme Yamamoto:

O trabalho é uma atividade fundamental do homem, pois mediatiza a satisfação de suas necessidades diante da natureza e de outros homens.

Pelo trabalho o homem se afirma como um ser social e, portanto, distinto da natureza. (2010, p. 60)

Embora tratemos aqui a necessária discussão do trabalho na sua dimensão ontológica, não podemos nos esquecer de que esta não consegue ser vivenciada em sua totalidade na sociedade de classes. Nesta (a sociedade capitalista) o trabalho ganha outros contornos e direcionamentos, com a instituição do trabalho assalariado.

Na sociedade de classes temos duas classes distintas e antagônicas entre si: uma que se caracteriza como sendo aquela que detém os meios de produção (burguesia) e a outra como aquela que vende sua força de trabalho (proletariado). Dessa forma, o homem que, ontologicamente tem no trabalho uma forma de objetivação, agora se vê alienado e indiferente ao produto final de seu trabalho, como fruto do processo de extração de mais-valia³.

Na produção de mercadorias, nosso capitalista não é movido por puro amor aos valores-de-uso. Produz valores-de-uso apenas por serem e enquanto forem substrato material, detentores de valor-de-troca. Tem dois objetivos. Primeiro, quer produzir um valor-de-uso que tenha um valor-de-troca, um artigo destinado à venda, uma mercadoria. E segundo, quer produzir uma mercadoria de valor mais elevado que o valor conjunto das mercadorias necessárias para produzi-la, isto é, a soma dos valores dos meios de produção e força de trabalho, pelos quais antecipou seu bom dinheiro no mercado. Além de valor-de-uso, quer produzir mercadorias; além de valor-de-troca, valor, e não só valor, mas também valor excedente (mais-valia). (MARX, 2010, p. 220)

Assim, no modo de produção capitalista, com a divisão de classes, onde o homem/trabalhador é visto apenas como uma mercadoria, o trabalho continua sendo característica ontológica da concretização do ser social, porém ganha outro sentido, passa a ser somente um meio de sobrevivência para a classe – que vive do trabalho (nos termos de Antunes) e uma forma de exploração e dominação para a classe dominante (burguesia).

“Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em razão indireta a desvalorização do mundo humano.” (MARX, 1988 apud GRANEMANN, 2009, p. 224).

No capitalismo o homem já não se identifica com o produto do seu trabalho, há uma alienação. O homem já não é livre para pensar e realizar o que projetou em sua consciência, pois ele, transformado em mercadoria, “pertence” aos donos dos meios de produção, estando sob as ordens do capital.

³ Toda esta discussão está claramente apresentada em: MARX. Karl (1985)

O predomínio do capital fetiche conduz à banalização do humano, à descartabilidade e indiferença perante o outro, o que se encontra na raiz das novas configurações da questão social na era das finanças. (...) Condensa a banalização do humano que atesta a radicalidade da alienação e a invisibilidade do trabalho social e dos sujeitos que o realizam na era do capital fetiche. (IAMAMOTO, 2008, p.125).

Assim, o capitalismo consegue converter a categoria trabalho em mero emprego, disseminando que esta categoria, entendida ontologicamente conforme explicitado anteriormente, é algo que já inexistente. É propagado que não há necessidade do trabalho enquanto instrumento de transformação da natureza e nem como objetivação do ser social.

A classe dominante difunde a ideia de que o trabalho segue numa perspectiva de extinção, existindo somente, os tais empregos, o que coloca o trabalhador como mero executor de tarefas já pré-estabelecidas, ficando o trabalhador, cada vez mais distante do produto de seu trabalho.

Novos processos de trabalho emergem, onde o cronômetro e a produção em série são substituídos pela flexibilização da produção, por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado. (ANTUNES, 2005, p. 210)

Assim, temos uma sociedade dividida entre trabalho/capital, tendo então classes sociais que, vivem do processo de produção capitalista. É nesse contexto que devemos pensar a profissão. Profissão essa compreendida como especialização do trabalho, inserida na divisão sócio técnica do trabalho, ou seja, o assistente social também é um trabalhador assalariado e, portanto, sofre as mesmas questões presentes no capitalismo, tendo seu trabalho fragilizado e suas condições de trabalho inadequadas, afetando sua ação profissional. Como classe trabalhadora, passa pelas mesmas questões de um trabalhador que vende sua força de trabalho. Dessa forma, o profissional de Serviço Social vivencia sua inserção socioinstitucional na sociedade tendo sua ação mediada pelas condições de assalariamento.

Como aponta Iamamoto:

“[...] como trabalhador assalariado, depende de uma relação de compra e venda de sua força de trabalho especializada em troca de um salário, com instituições que demandam ou requisitam o trabalho profissional.”. (2010, p. 64).

O Serviço Social só se afirma como sendo uma especialização do trabalho coletivo, a partir da divisão do trabalho, presente no capitalismo, passando a responder as necessidades sociais advindas da classe trabalhadora na ação de produzir e reproduzir seus meios de vida e de trabalho. Sendo contratado pela burguesia (quer seja em suas instituições privadas, quer seja pelo Estado).

Como nos lembra Iamamoto (2010), “o Serviço Social é uma profissão liberal que, por meio de dispositivos legais e éticos dispõe de uma autonomia teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa à condução do exercício profissional”. Em contrapartida, o exercício da profissão se dá, através de contrato de trabalho com instituições (públicas ou privadas), denotando aos assistentes sociais sua característica de trabalhador assalariado. Evidencia-se o conflito entre autonomia profissional e trabalho assalariado.

Assim, o assistente social é também um trabalhador assalariado, qualificado, que depende da venda de sua força de trabalho especializada para a obtenção de seus meios de vida. A objetivação dessa força de trabalho qualificada enquanto atividade ocorre na esfera de processos e relações de trabalho, organizados por seus empregadores, que detêm o controle das condições necessárias à realização do trabalho profissional, ou seja, as condições objetivas para sua materialização.

Em Iamamoto (2008) observamos que o Serviço Social, na relação com outras profissões, desenvolve importante papel, pois o produto de seu trabalho, também é fruto de sua participação no processo de divisão do trabalho coletivo, junto com outras profissões.

O trabalho profissional é, pois, parte do trabalho coletivo produzido pelo conjunto da sociedade, operando a prestação de serviços sociais que atendem as necessidades sociais.

Quando pensamos no trabalho coletivo, estamos pensando na divisão do trabalho como um todo, que a sociedade para se (re)produzir material e intelectualmente tem uma divisão do trabalho. O Serviço Social participa dessa produção, juntamente com outros trabalhadores.

Como aponta Iamamoto (2010), o Serviço Social é considerado como uma “especialização do trabalho coletivo, dentro da divisão social e técnica do trabalho, partícipe do processo de produção e reprodução das relações sociais”.

Socialmente, há uma divisão do trabalho na construção da produção e reprodução da vida. O assistente social faz parte deste processo de trabalho na sociedade, processo maior que é a divisão do trabalho, fazendo parte como uma das especializações desse processo de trabalho, para atuar diretamente nas expressões da questão social. Portanto, inserido na divisão social e técnica do trabalho, enquanto classe trabalhadora, uma profissão liberal, porém assalariada, de um trabalhador que vende sua força de trabalho, mas que tem uma formação específica para isso, de nível superior, com qualificações para entender e intervir nas expressões da questão social. Participando do processo de produção e reprodução das relações sociais.

[...] o trabalho do assistente social tem um efeito nas condições materiais e sociais daqueles cuja sobrevivência depende do trabalho. [...] o Serviço Social interfere na reprodução da força de trabalho por meio dos serviços sociais previstos em programas, a partir dos quais se trabalha nas áreas de

saúde, educação, condições habitacionais e outras. [...] o Serviço Social tem um papel no processo de reprodução material e social da força de trabalho, entendendo o processo de reprodução como o movimento da produção na sua continuidade. (IAMAMOTO, 2010, p. 67)

Segundo Iamamoto (2008) o Serviço Social possui um “caráter contraditório”, inerente a sua gênese na sociedade capitalista, pois o assistente social em seu trabalho, ao participar do processo de produção e reprodução das relações sociais, na mesma ação atende tanto aos interesses da classe trabalhadora quanto aos do capital, ou seja, reproduz as relações sociais que já estão postas. O profissional é chamado por este último para responder a demandas apresentadas pela classe trabalhadora. E a partir do seu referencial teórico pode escolher quais objetivos sua ação fortalecerá, aos da classe trabalhadora ou do capital, justamente por intervir na mediação entre elas.

Reproduz também, pela mesma atividade, interesses contrapostos que convivem em tensão. Responde tanto a demandas do capital como do trabalho, e só pode fortalecer um ou outro pólo pela mediação de seu oposto. (IAMAMOTO, 2008, p. 99).

Entendendo que o profissional trabalha no campo dessa contradição, é possível criar estratégias profissionais e políticas, que poderão fortalecer os objetivos do capital ou do trabalho. Vale ressaltar, no entanto, que as classes só existem em interposição uma da outra e, que o fortalecimento dos interesses de uma classe não extingue os interesses da outra, mas, permite ao profissional posicionar-se no horizonte da classe trabalhadora, na perspectiva de um projeto diferente àquele que foi chamado a trabalhar.

Para isso, a profissão foi construindo, coletivamente, seu posicionamento sobre de que maneira ela está neste lugar, de que maneira ela é classe trabalhadora, de que maneira ela é contratada pelo capital ou pelo Estado para atender às necessidades da classe trabalhadora. E isso foi se expressando nos nossos projetos profissionais⁴.

Vamos nos referir aqui ao último, ao projeto profissional hegemônico, nessas duas últimas décadas, que é o Projeto Ético Político e, que está expresso nas Diretrizes Curriculares, no Código de Ética e na Lei 8.662 de 1993 que regulamenta essa profissão.

Há a compreensão da profissão de que o assistente social deve responder as expressões da questão social, entendendo esse caráter contraditório do trabalho, observando as seguintes atribuições, que verificamos no Código de Ética (1997):

Art. 5º Constituem atribuições privativas do Assistente Social:
I - coordenar, elaborar, executar, supervisionar e avaliar estudos, pesquisas, planos, programas e projetos na área de Serviço Social;

⁴ Sobre as diferentes respostas dadas pela profissão as expressões da questão social, organizada em seus diferentes projetos profissionais ver: NETTO (Ditadura e Serviço Social, 2006) e IAMAMOTO (Renovação e Conservadorismo, 2008).

II - planejar, organizar e administrar programas e projetos em Unidade de Serviço Social;

III - assessoria e consultoria e órgãos da Administração Pública direta e indireta, empresas privadas e outras entidades, em matéria de Serviço Social;

IV - realizar vistorias, perícias técnicas, laudos periciais, informações e pareceres sobre a matéria de Serviço Social;

V - assumir, no magistério de Serviço Social tanto a nível de graduação como pós graduação, disciplinas e funções que exijam conhecimentos próprios e adquiridos em curso de formação regular;

VI - treinamento, avaliação e supervisão direta de estagiários de Serviço Social; (grifo nosso)

VII - dirigir e coordenar Unidades de Ensino e Cursos de Serviço Social, de graduação e pós-graduação;

VIII - dirigir e coordenar associações, núcleos, centros de estudo e de pesquisa em Serviço Social;

IX - elaborar provas, presidir e compor bancas de exames e comissões julgadoras de concursos ou outras formas de seleção para Assistentes Sociais, ou onde sejam aferidos conhecimentos inerentes ao Serviço Social;

X - coordenar seminários, encontros, congressos e eventos assemelhados sobre assuntos de Serviço Social;

XI - fiscalizar o exercício profissional através dos Conselhos Federal e Regionais;

XII - dirigir serviços técnicos de Serviço Social em entidades públicas ou privadas;

XIII - ocupar cargos e funções de direção e fiscalização da gestão financeira em órgãos e entidades representativas da categoria profissional. (CFESS, 1997, p. 37 e 38)

Dentre elas está a atribuição de ser supervisor, na qual deteremos nossa análise, por ser este o foco deste estudo. Portanto, de acordo com as leis que norteiam a profissão, a supervisão de estágio é uma atribuição privativa do assistente social, sendo vedado a outro profissional supervisionar estagiários de Serviço Social. Mas, por que é assim? Qual a finalidade dessa requisição?

Trata-se de uma escolha feita pelo conjunto de profissionais de Serviço Social com uma dada intencionalidade. Pensemos sobre esta intencionalidade, a partir de 3 elementos:

- Garantia do processo de formação vinculado ao Projeto Ético Político;
- Defesa da profissão;
- Defesa do usuário.

A supervisão de estágio é uma atribuição privativa do assistente social, pois a profissão de Serviço Social, hegemonicamente, é direcionada pelo Projeto Ético Político, já mencionado anteriormente, que tem como princípio a contribuição na transformação da sociedade, demonstrando a visão política da profissão, expressa no nosso Código de Ética:

“Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação exploração de classe, etnia e gênero;” (CFESS, 1997, p. 43)

As organizações representativas da profissão (CFESS/CRESS, ABEPSS), juntamente, com o coletivo de profissionais, estabeleceram como uma atribuição privativa do assistente social, a supervisão de estagiários de Serviço Social, pois entendem que os princípios apresentados no Código de Ética e na Lei de Regulamentação, juntamente com a supervisão de estágio são formas de contribuir na efetivação do Projeto Ético Político, pois a presença de um profissional assistente social orienta o estudante na perspectiva da profissão⁵ em conjunto com seu processo formativo na Universidade.

Para que os objetivos da profissão possam ser alcançados, o estagiário de Serviço Social, futuro profissional, necessita ser orientado nesse “saber fazer” profissional, nesse cotidiano, onde o trabalho do assistente social se materializa, se concretiza, numa consonância com sua formação ética/teórica, envolvendo 3 dimensões: teórico/metodológico, ético/político e técnico/operativo, o que solicita um profissional tanto acadêmico quanto de campo para que esse processo de aprendizado possa ser efetivo. Lembrando que esse aprendizado não consiste em “repetir experiências”, mas consiste em formar para pensar, para perceber e interpretar a realidade social como pressupostos para uma intervenção profissional competente.

Diferente do espaço acadêmico, onde o estudante/estagiário apreende as dimensões mencionadas acima, o período de estágio possibilita vivenciar tais dimensões.

Sabemos que a palavra supervisão é entendida, muitas vezes, de forma errônea, muitos a entendem como “fiscalização”. Talvez, isso ocorra, porque no capitalismo aquele que supervisiona é aquele que pressiona, numa lógica de “mando e obediência”, “chefe e empregado”. Porém, como nos aponta Gouvêa (2008, p. 63) na palavra supervisão encontramos outras duas palavras “super”: sobre, e “visão”: olhar; significa “olhar de conjunto, visão de totalidade, olhar de cima; observar o todo”. Portanto, compreendemos que supervisionar é a ação de conhecer uma determinada atividade profissional com o objetivo de possibilitar o aperfeiçoamento contínuo de seu exercício, no contexto de uma determinada realidade em que esse se insere. Supervisão consiste, então, num processo educativo, que visa capacitar o supervisionado para o exercício da profissão, sabendo que isto não envolve, apenas o “saber fazer” como prática, mas como trabalho, que é técnico, operativo, porém também tem em si uma dimensão teórico/metodológica e ético/política.

É importante lembrar que o estudante, devido seu processo de formação, não possui os instrumentos necessários para ser responsável pelo trabalho como um profissional já formado.

Essas questões também nos levam a pensar sobre a precarização do trabalho, onde cada vez mais o estagiário é utilizado como mão de obra barata e, muitas vezes, ocupando

⁵ Não entraremos nesse detalhamento agora, o que faremos no capítulo seguinte.

espaços de profissionais já formados. A categoria e nossas entidades, também por essa razão, veem na atribuição privativa de supervisão, um instrumento para fortalecer a profissão no mercado de trabalho capitalista, garantindo os espaços profissionais da profissão, pois, como já mencionado, o estudante de Serviço Social só pode ser supervisionado por um assistente social. Essas requisições vão ao encontro do apresentado no nosso Código de Ética, que visa à defesa do usuário, em relação ao atendimento, permitindo que este seja atendido por um profissional de Serviço Social formado, que possui conhecimentos necessários para a qualidade do serviço, a defesa de direitos, ou seja, ao mesmo tempo uma defesa da profissão e do usuário.

Assim, a supervisão, enquanto atribuição privativa, não é mero requisito, ao contrário, é condição necessária no fortalecimento do Projeto Ético-Político da profissão, da profissão e dos usuários desta.

A supervisão constitui uma estratégica forma de amalgamar e atualizar o projeto profissional, em especial por proporcionar um confronto, permanente e sistemático, entre as reflexões e as alternativas construídas em diferentes esferas da profissão e a dinâmica da realidade. (ALMEIDA, 2009, p. 648).

Mas, o que é então esta supervisão? Quais elementos estão presentes nesse processo de supervisão? Veremos a discussão no capítulo seguinte.

II – O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ASSISTENTE SOCIAL

Tem de todas as coisas. Vivendo, se aprende; mais o que se aprende, mais é o fazer outras maiores perguntas.
Guimarães Rosa

No capítulo anterior afirmamos a supervisão de estágio em Serviço Social como atribuição privativa do profissional de Serviço Social. Outras indagações foram surgindo como, por exemplo, o que se entende por supervisão? Quais os elementos presentes nesse processo? O que diz as Diretrizes Curriculares e o Plano Nacional de Estágio? Isso é o que procuraremos entender a seguir.

Para falarmos da supervisão, não podemos deixar de abordar a importância da realização do estágio, pois é por meio deste que se dá a supervisão de estágio em Serviço Social.

“É através do processo vivencial do estágio, que o aluno vai-se apropriando da profissão, de tal modo que lhe permite identificar-se como membro efetivo da profissão.” (PINTO, 1997, p. 65).

Entendemos o estágio sempre como estágio supervisionado. E falar de estágio em Serviço Social, é falar sempre de um processo de aprendizado que pressupõe supervisão, portanto

Não se pode dissociar estágio de supervisão, pois o primeiro é o contexto em que o aluno estabelece relações mediatas entre os conhecimentos teóricos e o trabalho profissional, desenvolve a capacitação técnico-operativa e reconhece a articulação entre a prática do Serviço Social e o contexto político, econômico e cultural das relações sociais. A supervisão é caracterizada pelo acompanhamento e pela orientação profissional ao aluno. Estágio e supervisão são espaços interdependentes, no processo ensino-aprendizagem. (SIQUEIRA, 2006, p. 32).

Podemos dizer que, através do estágio o estudante/estagiário pode conhecer, o mais amplamente possível, uma determinada atividade profissional, permitindo o aprimoramento de seu exercício, de acordo com a realidade na qual se insere.

“[...] o estágio na formação é fundamentalmente uma alternativa de conhecimento da realidade concreta, uma forma de apropriação de conhecimento e questões presentes na sociedade.” (Oliva, 1989, p. 150).

Supervisão é um conceito histórico. E, como tal, é um conceito antigo que já recebeu e recebe diversas interpretações conforme a realidade social em que está referido. No Serviço Social a supervisão também, já foi vista de diferentes formas.

Durante muito tempo, o estágio em Serviço Social era visto como local da prática, das regras, da técnica, dissociado da teoria, como instâncias independentes. Representava o local onde a teoria apreendida no âmbito acadêmico era “praticada”. Dessa forma, a supervisão seguia a mesma lógica, ou seja, o momento do “ensino da prática”, numa dimensão técnico-operacional, desvinculada das demais dimensões⁶: teórico-metodológica e ético-política. O estagiário aprenderia a partir do estágio, o “saber fazer”.

Hoje, a compreensão de supervisão que vem sendo construída (nos últimos 20 anos) é de um processo constitutivo do curso de Serviço Social, onde o estudante/estagiário pode apreender os conceitos e referências teóricas observadas em sala de aula, diretamente no contato com a realidade na qual estiver inserido, refletindo sobre esta.

A partir do estágio supervisionado, o estudante, futuro profissional, pode de fato, entender de que forma se dá o trabalho do assistente social, diretamente na realidade, apreendendo as mediações ali presentes. Mediações essas que se apresentam e contribuem na intervenção profissional do assistente social uma vez que possibilitam a compreensão dos fenômenos não como fatos isolados, mas como parte de um complexo social que sofre influências sociais, econômicas, políticas, ideológicas, culturais dentre outras.

A construção de uma profissão não pode ser confundida com a preparação para o emprego, uma vez que o trabalho do assistente social não se limita à realização de um leque de tarefas – as mais diversas – no cumprimento de atividades preestabelecidas; antes supõe um sólido suporte teórico-metodológico e técnico-político para propor, executar e negociar projetos, para defender o seu campo de trabalho, suas qualificações e funções profissionais. (LEWGOY, 2010, p. 30).

Assim, a concepção de estágio presente no Serviço Social hoje, o percebe como espaço para aprendizagem do processo de trabalho do assistente social através da relação teoria/prática, entendendo-a enquanto unidade indissolúvel, a partir de um determinado referencial teórico. O estágio supervisionado, então, constitui-se enquanto momento privilegiado da formação profissional, onde o estudante/estagiário deverá vivenciar a aprendizagem do exercício profissional constituída a partir das dimensões: ética, política e

⁶ De acordo com CARDOSO e VICENTE (2010) as dimensões apresentadas podem ser entendidas assim:

Técnico-operativa: técnicas, instrumentos e atividades;

Teórico-metodológica: método que se tem de apreensão da realidade e do papel profissional, que dará o caminho para o uso das técnicas, instrumentos e condução das atividades;

Ético-política: intencionalidade da ação com base nas referências teóricas que dão sustentação ao trabalho.

técnica. Essas dimensões estão intrinsecamente ligadas, pois o trabalho profissional se expressa na unidade entre elas.

O fazer profissional sempre terá por traz uma referência teórica e ético-política. Mesmo que o profissional não tenha consciência disso, o seu fazer sempre se revelará a partir de tais dimensões e determinará a sua ação. Nisso, temos um movimento de práxis, visto que, o estágio supervisionado é a atividade por meio da qual a teoria/prática se apresenta, num movimento de ir e vir, estão imbricadas, pois não existe teoria sem prática e nem prática sem teoria.

“[...] o Serviço Social é uma expressão da práxis, portanto uma unidade abrangendo uma dimensão teórica e uma prática, inserida em determinadas condições sociais” (Maciel e Cardoso, 1989, p. 172 apud. Ramos, 2009, p. 29).

A vivência concreta da realidade deve alimentar a reflexão e os elementos constitutivos de uma determinada teoria iluminando para a ação na prática e, essa por sua vez, alimenta a reflexão transformando os elementos constitutivos de uma determinada teoria. Porém, isso não se dá separadamente, mas de forma dinâmica, dialética, num movimento de vai e vem constante.

[...] o estágio curricular não é a aplicação de conhecimentos adquiridos na teoria, nem adequação de alunos ao mercado de trabalho, mas sim, é um momento de estudo, reflexão do fazer, de pensamento da prática social, ou seja, uma forma de apropriação de elementos de crítica e descobertas sobre as questões presentes na dinâmica da sociedade. (Oliva, 1989, p. 150).

A atividade de estágio em Serviço Social, regulamentada pela Resolução do CFESS⁷ nº. 533, de 29 de setembro de 2008, estabelece a supervisão direta de estágio como sendo uma atividade curricular obrigatória que se configura a partir da inserção do estudante no espaço sócio-institucional, a fim de capacitá-lo para o exercício profissional, pressupondo a supervisão sistemática e direta por um profissional de Serviço Social, denominado supervisor de campo. Assim, passaremos a dizer supervisão de campo quando quisermos nos referir ao espaço de supervisão realizada por este profissional, diferenciando-a de outro importante espaço de supervisão que também compõe a noção de estágio supervisionado: a supervisão acadêmica.

A supervisão de estágio na formação em Serviço Social envolve duas dimensões distintas, mas não excludentes de acompanhamento e orientação profissional: uma supervisão acadêmica, que caracteriza a prática docente e a supervisão de campo, que compreende o

⁷ Conselho Federal de Serviço Social (CFESS). Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/arquivos/Resolucao533.pdf>>. Resolução que Regulamenta a SUPERVISÃO DIRETA DE ESTÁGIO no Serviço Social.

acompanhamento direto das atividades prático-institucionais da^(o) estudante pelo assistente social. (ABEPSS, 2010, p. 18-19)

De acordo com as Diretrizes Curriculares dispostas nas Diretrizes Gerais para o curso de Serviço Social – ABEPSS⁸ de 8 de novembro de 1996,

[...] o estágio é caracterizado como, atividade curricular obrigatória, que se configura a partir da inserção do estudante no espaço sócio-ocupacional, tendo em vista a sua capacitação para o trabalho profissional, pressupondo supervisão sistemática.

Enquanto atividade curricular-obrigatória, o estágio pressupõe o acompanhamento e a orientação profissional, através do processo de supervisão acadêmica e de campo, configurando um dos princípios que fundamentam a formação profissional, preconizados pela ABEPSS: a indissociabilidade entre estágio e supervisão.

A resolução nº 533 também define os papéis pertinentes ao supervisor de campo e ao supervisor acadêmico.

- Art. 6º. Ao supervisor de campo cabe a inserção, acompanhamento, orientação e avaliação do estudante no campo de estágio em conformidade com o plano de estágio.
- Art. 7º. Ao supervisor acadêmico cumpre o papel de orientar o estagiário e avaliar seu aprendizado, visando a qualificação do aluno durante o processo de formação e aprendizagem das dimensões técnico-operativas, teórico-metodológicas e ético-política da profissão.

Percebemos que a responsabilidade da supervisão cabe tanto ao supervisor de campo quanto ao supervisor acadêmico. O planejamento e o encaminhamento das atividades inerentes ao estágio é dever de ambos os sujeitos envolvidos. Boschetti ressalta que

o reconhecimento da co-responsabilidade entre unidade de formação acadêmica e campo de estágio não significa diluir as particularidades, mas sim reconhecer a indissociabilidade entre teoria e prática e reafirmar a necessária relação de cooperação e intercâmbio entre essas duas instâncias de formação no processo de construção do estágio. (s/d, p. 12 apud Ramos, 2009, p. 26).

As políticas e documentos⁹, do Serviço Social, que discorrem sobre a supervisão de estágio consideram que a atividade de supervisão direta do estágio em Serviço Social constitui momento ímpar no processo ensino-aprendizagem, pois se configura como elemento síntese na relação teoria-prática, na articulação entre pesquisa e intervenção

⁸ Associação Brasileira de Ensino e pesquisa em Serviço Social (ABEPSS). Disponível em: <<http://www.abepss.org.br>>.

⁹ Política Nacional de Estágio (2010); Código de Ética (Lei 8662/93); Lei de Regulamentação da Profissão (Lei nº 8.662, de 7 de junho de 1993); Diretrizes Curriculares para o Serviço Social – ABEPSS 1996).

profissional e que se consubstancia como exercício teórico-prático, mediante a inserção do estudante nos diferentes espaços ocupacionais das esferas públicas e privadas, com vistas à formação profissional, conhecimento da realidade institucional e problematização teórico-metodológica.

Segundo a PNE¹⁰ (2010, p. 14 apud. Oliveira, 2004, p. 67)

o estágio supervisionado adquire um peso privilegiado no processo de formação profissional do estudante do curso de Serviço Social, podendo oportunizar não somente aproximações no processo de capacitação teórico-metodológica para o exercício profissional, mas também o conhecimento das diferentes relações que compõem o complexo tecido social.

Nessa perspectiva, a supervisão de estágio torna-se peça fundamental para a formação profissional de estudantes de Serviço Social. A partir dela se dá a materialização dos conhecimentos apreendidos na unidade acadêmica, orientando o estudante/estagiário no seu posterior exercício profissional.

O estágio supervisionado é o local apropriado onde o estudante/estagiário estabelece aproximações à realidade social, mediatizadas pela fundamentação teórico-metodológica do Serviço Social, desenvolvendo sua identidade profissional.

As determinações da Lei nº 8662, de 7 de junho de 1993 e as Diretrizes Curriculares do Serviço Social, apontam sobre a necessária indissociabilidade entre a supervisão acadêmica e profissional na atividade de estágio.

Como vimos no capítulo anterior, o estágio supervisionado, como espaço de formação, é de grande importância, pois permite não só formar novos profissionais assistentes/sociais, mas possibilita o fortalecimento do nosso Projeto Ético Político, que tem como referência os princípios descritos no Código de Ética, na perspectiva de auxiliar o estudante/estagiário na direção e identificação do referido projeto. Dessa forma,

“[...] a discussão do estágio supervisionado se coloca, ainda, como estratégica na defesa do projeto de formação profissional em consonância com o projeto ético-político do Serviço Social.” (ABEPSS, 2009, p. 8).

A formação profissional que concebemos vai além das demandas impostas, pois objetiva “preparar cientificamente quadros profissionais capazes de responder às exigências de um projeto profissional coletivamente construído e historicamente situado”. (IAMAMOTO, 2008, p. 163).

¹⁰ A discussão sobre a Política Nacional de Estágio iniciou-se com o lançamento, em maio de 2009, do documento-base que subsidiou o amplo debate coletivo, ocorrido em todo o país em eventos realizados entre os meses de maio e outubro de 2009, que discutiram o referido documento e encaminharam propostas para a versão final da PNE. Essas contribuições foram debatidas nas seis oficinas regionais de graduação da ABEPSS. Elaborado coletivamente e publicado em 04 de abril de 2010.

De acordo com Gouvêa (2008, p. 63 e 64), a vivência do estágio supervisionado busca formar o supervisionado para:

- Agir profissionalmente diante das situações identificadas na prática;
- Dar prosseguimento, de modo crítico, aos processos desencadeados pelos encaminhamentos profissionais realizados quer pelo assistente social, quer pela equipe interprofissional, no espaço institucional;
- Tomar iniciativas diante de projetos em andamento, extinção de projetos e criação de outros, levando em conta a realidade da política institucional em que atua e sua imbricação com a política social mais ampla;
- Saber recorrer aos conhecimentos teóricos adquiridos pelas experiências anteriores, tanto pessoais e profissionais, quanto dos conhecimentos científicos para compreender, interpretar e decidir sobre a intervenção.
- Saber estabelecer as inter-relações do seu trabalho com as questões sociais, econômicas, culturais e políticas contemporâneas, no âmbito local, nacional e internacional (análise de conjuntura);
- Saber identificar-se aos seus pares, corresponsabilizando-se pelo projeto ético-político profissional; engajando-se nele pela ação e reflexão a partir do seu trabalho cotidiano;
- Saber pensar a prática, produzir conhecimentos e socializá-los tanto no meio acadêmico e profissional, quanto no âmbito da sociedade, de modo a dar visibilidade à contribuição social do profissional no contexto histórico contemporâneo (investigação científica a partir da prática);
- Criar instrumentos técnico-operativos que possibilitem a leitura, a interpretação da realidade de intervenção, num processo de reflexão crítica permanente.

Estes são alguns dos aspectos constitutivos do processo de estágio supervisionado em Serviço Social. Não se trata de um processo simples e fácil de ser realizado, ao contrário, refere-se a um processo complexo, rigoroso no seu conteúdo e realização. As condições necessárias para realização deste processo só se dão de forma coletiva, ou seja, a formação profissional é responsabilidade coletiva dos sujeitos nela envolvido: supervisor acadêmico, supervisor de campo e estudante.

A supervisão de estágio consiste num processo de acompanhamento da aprendizagem e/ou da formação continuada. Como explicitado no capítulo anterior, a supervisão direta de estágio é uma atividade privativa do profissional de campo em pleno gozo dos seus direitos, inscrito no Conselho Regional de Serviço Social – CRESS e que assegure a qualidade do exercício da supervisão.

A supervisão é, pois, uma mediação entre o conteúdo apreendido no processo da formação acadêmica e os dados extraídos da realidade social. Essa intervenção na realidade requer do profissional de Serviço Social uma competência teórico-metodológica e técnico- política adequada, o que supõe ao assistente social:

capacidade de identificação, análise e encaminhamento efetivo das atividades profissionais de planejamento e implementação das políticas sociais específicas e, em especial, da prestação de serviços sociais,

zelando pela sua qualidade, abrangência e provimento de recursos. Implica, ainda, o reconhecimento do componente político-pedagógico da ação profissional, na medida em que a prática contém uma dimensão sócio-educativa cujos efeitos incidem na esfera ética e político-ideológica, muitas vezes, não passíveis de verificação empírica imediata. Tais efeitos, que se expressam no campo cultural e simbólico, embora não imediatamente perceptíveis, rebatem nos sujeitos sobre os quais recai a ação profissional. (IAMAMOTO, 2008, p. 203).

O exercício profissional exige, do assistente social, referências teóricas que o orientem, decorrentes do: acúmulo de experiências pessoais e sociais; da visão de mundo; dos subsídios teóricos anteriores; das demandas da sociedade e das demandas da própria profissão.

No espaço institucional, é que o supervisor de campo, em permanente relação com a unidade de ensino, viabilizará um processo de aprendizagem que venha a garantir que as dimensões mencionadas anteriormente sejam contempladas.

Nas palavras de Pequiá & Rosa, como atividade curricular, o estágio supervisionado se caracteriza de modo geral, como:

- Atividade curricular obrigatória com exigência de carga horária mínima;
- Processo de ensino-aprendizagem profissional realizado no contexto de trabalho;
- Exercício de habilidades técnicas profissionais em diversos espaços de trabalho;
- Espaço de execução de atribuições profissionais;
- Espaço de formação, capacitação pessoal e profissional. (2010, p. 157)

A vivência do estágio supervisionado traz, para o estudante/estagiário, o conhecimento de aspectos que auxiliam a tomada de decisão no processo de vir a ser profissional, bem como auxilia na concretização de relações entre o saber organizado adquirido na universidade e o saber reconstruído na prática profissional.

Pensando assim:

É no estágio que a imediatividade do espaço institucional e a operacionalidade do Serviço Social mostra-se como algo singular e conclusivo. Para romper esta relação, a compreensão do real a partir desta mesma imediatividade deve desnudar a teia de relações que envolvem a ação profissional do Assistente Social, oriunda das demandas sociais que dão substância à sua intervenção na realidade. (PINTO, 1997, p. 56).

Mais uma vez, percebemos que o estágio supervisionado, em relação com os sujeitos envolvidos possibilita a apreensão, por parte do estudante/estagiário, da unidade teoria/prática, pois não existe uma articulação, ligação ou junção entre elas, mas sim, como ressalta Kameyama (1989, p. 101 apud. Ramos, 2009, p.29) “o que existe é a unidade e não a articulação. Existe hoje na formação profissional uma preocupação com a articulação

entre teoria e prática, quando não se trata da articulação, mas da unidade indissolúvel entre teoria e prática.”.

A supervisão permite aos sujeitos envolvidos (supervisor acadêmico, de campo e estudante) trocar saberes, refletir, a partir de seu referencial teórico, sobre as expressões da questão social, não só de uma maneira supositiva, mas diretamente na realidade, possibilitando uma análise real, de fatos reais, vinculado ao seu referencial, percebendo a unidade teoria/prática.

Sendo assim, é fundamental pensarmos os processos de supervisão acadêmica e de campo.

O estágio é concebido como processo de qualificação e treinamento teórico-metodológico, técnico-operativo e ético-político do aluno, inserido no campo profissional, em que realiza sua experiência de aprendizagem sob a supervisão direta de um assistente social, que assume a função de supervisor de campo. O acompanhamento acadêmico do estágio é uma atividade realizada por um(a) professor(a) de Serviço Social [...] que assume o papel de supervisor acadêmico. (IAMAMOTO, 2010, p. 290).

Segundo a Lei nº 8662 de 07 de junho de 1993 constitui entre uma das atribuições do assistente social, a supervisão direta de estagiários. Diante disso, apesar de estar disposto na legislação como uma atribuição e não como uma obrigatoriedade, cabem aos profissionais a compreensão, valorização e opção pelo exercício dessa atribuição. Diante do exposto até aqui, reiteramos a importância deste espaço, em vários sentidos.

O estágio supervisionado é um elemento pedagógico na formação profissional. Enquanto tal redimensiona e realimenta as atividades dos supervisores de campo; oferece elementos para subsidiar a criação de novas diretrizes pelos setores de estágio; estimula a criação de um espaço interativo de reflexão sobre a realidade cotidiana profissional e os sujeitos envolvidos no processo de formação. (PERAZZA, 1999).

A supervisão de estágio contribui para a formação continuada do assistente social, visto que estabelece uma relação direta com a universidade.

A PNE em consonância com as Diretrizes Curriculares demonstra, mais uma vez, a direção ético-política do Serviço Social brasileiro. Esta Política não tem representação enquanto Lei, mas oferece princípios da área para a construção das políticas de estágio em cada unidade de ensino.

A partir da concepção definida pelas diretrizes curriculares aprovadas nos fóruns da ABEPSS, a temática do estágio na formação profissional deve constituir-se em aprofundamento permanente no interior do debate acadêmico, como elemento constituinte e constitutivo da formação profissional, e de competência das unidades de ensino no processo formativo. Nessa direção o tratamento dado ao estágio deve ser pauta constante dos fóruns da ABEPSS, no sentido de antecipar-se de forma articulada e organizada, na defesa do projeto ético-político da profissão, do

ensino da formação de qualidade; pressupostos das diretrizes. (ABRAMIDES, 2003, p.16).

O entendimento do estágio supervisionado deve acontecer em consonância com o projeto de formação profissional, do qual ele é parte integrante. O estágio supervisionado é alternativa competente para o conhecimento da realidade concreta da sociedade, bem como espaço para a criação de alternativas para o enfrentamento das dificuldades presentes na sociedade. A supervisão de estágio está consubstanciada pela direção social da profissão, que a compromete com a universalização dos valores democráticos e igualitários (Lewgoy, 2010).

A formação profissional implica numa responsabilidade coletiva dos sujeitos envolvidos nesse processo, que se referem ao supervisor acadêmico, supervisor de campo e estudante.

No sentido de contribuir para identificar algumas das competências dos referidos sujeitos, a Política Nacional de Estágio – PNE descreve o papel de cada um dos sujeitos mencionados no parágrafo acima. A saber:

- Aos^(às) supervisores^(as) acadêmicos^(as) compete o papel de orientar os estagiários e avaliar seu aprendizado, em constante diálogo com o^(a) supervisor^(a) de campo, visando a qualificação do estudante durante o processo de formação e aprendizagem das dimensões teórico-metodológicas, ético-políticas e técnico-operativas da profissão, em conformidade com o plano de estágio.
- Aos^(às) supervisores^(as) de campo cabe a inserção, acompanhamento, orientação e avaliação do estudante no campo de estágio, em conformidade com o plano de estágio, elaborado em consonância com o projeto pedagógico e com os programas institucionais vinculados aos campos de estágio; garantindo diálogo permanente com o^(a) supervisor^(a) acadêmico^(a), no processo de supervisão.
- Ao^(à) estagiário^(a), sujeito investigativo, crítico e interventivo, cabe conhecer e compreender a realidade social, inserido no processo de ensino-aprendizagem, construindo conhecimentos e experiências coletivamente que solidifiquem a qualidade de sua formação, mediante o enfrentamento de situações presentes na ação profissional, identificando as relações de força, os sujeitos, as contradições da realidade social.” (2010, p. 19 e 20).

Esses sujeitos (supervisor acadêmico, supervisor de campo e estagiário) compõem o cenário necessário para que a supervisão se materialize de forma a contribuir no processo de ensino-aprendizagem do estudante, que se encontra em processo de formação.

Percebemos a supervisão tanto acadêmica como de campo como um espaço privilegiado de discussão do processo de trabalho no qual o assistente social se insere, permitindo ao estudante/estagiário a construção teórico-crítica do exercício profissional.

A supervisão acadêmica proporciona um espaço dinâmico onde podemos, além de discutir o trabalho do Serviço Social a luz de uma reflexão teórica, ainda refletir sobre a práxis profissional, de acordo com os campos de estágio, onde estão presentes os estudantes/estagiários.

Na relação com a supervisão de campo, que na pessoa do profissional assistente social/supervisor de campo, automaticamente se conecta com os conteúdos discutidos, a supervisão acadêmica contribui para que o conhecimento, desse profissional, esteja sempre pautado e relacionado com os conteúdos estudados, renovando seu exercício profissional.

O processo de supervisão, tanto acadêmica como de campo, torna mais proveitoso o ensino-aprendizagem do estudante/estagiário no campo de estágio.

Nesse sentido supervisão de campo e acadêmica enquanto, unidade necessária na realização do estágio supervisionado, precisa ter clareza a respeito do desafio posto à profissão que, é a adoção, pelo profissional, de “[...] uma postura metodológica que garanta a unidade teoria/prática, superando a postura dualista que separa o pensar do agir e estimula o pragmatismo” (Maciel e Cardoso, 1989, p. 176 apud. Ramos, 2009, p.29).

Portanto, como já dito anteriormente, a supervisão, aqui entendida a de campo e a acadêmica, enquanto atribuição privativa, não é mero requisito, ao contrário, é condição necessária no fortalecimento do Projeto Ético-Político da profissão, da própria profissão e dos usuários desta.

O projeto profissional é um elemento de unidade entre teoria e prática. Sem esse elemento, ainda que nem sempre percebido pela consciência do profissional, a atuação na realidade carece de uma unidade, de elementos que possam homogeneizar determinados elementos da cultura e determinadas posturas profissionais conscientemente adotadas, diferenciando-as de ações sociais, voluntárias ou não. Ele é um elemento necessário, ainda que insuficiente, para que uma atividade se converta em práxis. (GUERRA, 2007, p. 24)

Para o Serviço Social, o estágio, enquanto estágio supervisionado, não se configura apenas, como requisito necessário para aquisição do título de bacharel em Serviço Social, não. Sua realização, envolvendo os sujeitos já mencionados (supervisor de campo, supervisor acadêmico e estudante), tem importante papel para a formação dos futuros profissionais/assistentes sociais e para a profissão, pois o trabalho articulado entre a supervisão acadêmica e a de campo na atividade de estágio é uma das competências dos supervisores no processo de formação profissional na materialização do projeto ético-político. (Lewgoy, 2009)

O papel desses sujeitos (supervisor de campo e acadêmico) é fundamental para formação e para a profissão, pois capacita o estudante/estagiário para o enfrentamento dos desafios presentes no processo de estágio supervisionado, compreendendo esse espaço

como instrumento para o “enfrentamento do cotidiano profissional como processo educativo, para não reduzir a formação profissional à instrução e ao adestramento de mão de obra” (Cattani, 2002 apud. Lewgoy, 2009).

Na articulação entre os sujeitos envolvidos no processo de estágio se potencializa a socialização de conhecimentos, reflexões e experiências. (Vasconcelos, 2009).

Assim, Vasconcelos (2009, p. 78) enfatiza que:

O estágio destaca-se, então, como um significativo processo de ensino-aprendizagem, não apenas para os^(as) estagiários^(as), como também para os^(as) assistentes sociais, sejam supervisores^(as) de campo ou da academia, que, por meio do processo de supervisão, aprofundam o conhecimento acerca da realidade, ao realizarem, coletivamente, estudos teóricos, reflexões e discussões.

Assim, percebemos que o papel dos supervisores de campo e acadêmico nesse processo de estágio supervisionado é imprescindível, pois o envolvimento desses sujeitos que protagonizam esse processo garante a concretização do sentido educacional do estágio, ou seja, um espaço didático-pedagógico.

A literatura apresenta com clareza desses papéis e de sua importância, mas muito pouco da discussão da forma, do conteúdo que devem ter esses dois espaços de supervisão.

Minha experiência como estagiária e a relação com outros colegas estagiários, no espaço da supervisão acadêmica, mostrou a dificuldade que os profissionais assistentes sociais/supervisores de campo têm na realização da supervisão de campo, no que diz respeito, não só a compreensão da sua importância, mas especialmente, no como executar, como realizar essa supervisão. O que me instigou mais a querer estudar, aprofundar este aspecto.

Tendo como universo de pesquisa os assistentes sociais/supervisores de campo da primeira turma do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS¹¹, nos perguntamos: como se dá esse processo de estágio supervisionado na UNIFESP/BS, onde é ministrado o curso de Serviço Social? Como ocorrem as supervisões de estágio nos espaços sócio-ocupacionais onde se encontram os assistentes sociais/supervisores de campo e, também, os estudantes/estagiários? Quais as estratégias criadas para a efetivação da supervisão de estágio? Essas são algumas inquietações que, ainda nos “atortentam”, mas que discutiremos no capítulo a seguir.

¹¹ Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – campus Baixada Santista.

III - O ASSISTENTE SOCIAL E O PROCESSO DE SUPERVISÃO DOS ESTAGIÁRIOS DA PRIMEIRA TURMA DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIFESP/BS

*Enquanto eu tiver perguntas e
não houver respostas...
continuarei a escrever*
Clarice Linspector

Buscamos até aqui compreender o trabalho profissional do assistente social, discutindo o conceito de trabalho e a supervisão de estágio como parte deste trabalho e das atribuições do assistente social, o estágio supervisionado na formação profissional do assistente social, apontando o que se entende por estágio supervisionado e qual sua importância na formação de estudantes do curso de Serviço Social, a partir dos documentos e políticas do Serviço Social pertinentes ao tema.

Mas, para compreender, realmente, esta questão que nos movia, qual seja entender um pouco mais o processo de estágio supervisionado no cotidiano de supervisores de campo e estudantes/estagiários, precisávamos ir para a realidade. O que explica essa pesquisa envolvendo os supervisores de campo da primeira turma de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista - UNIFESP/BS.

A escolha do universo pesquisado tem a ver com a minha vivência, enquanto estagiária da primeira turma¹² de Serviço Social dessa universidade. Foi com essa turma que dividi (no período noturno) o espaço de supervisão acadêmica durante quatro semestre (2 anos) e fui observando as questões que se apresentavam e a partir daí foram surgindo minhas inquietações. A turma em questão está se formando neste momento, mais precisamente em meados do mês de abril/2013, em que o meu trabalho de conclusão de curso - TCC faz parte desse contexto, pois como mencionei sou parte dessa primeira turma.

Escolhemos a primeira turma (vespertino e noturno) de Serviço Social, além de se tratar de uma turma que está em processo de conclusão de curso, pela importância de já repensar como se dá a inserção e o processo de estágio na UNIFESP/BS, considerando o fato deste momento, ser a primeira aproximação, da UNIFESP/BS e sujeitos envolvidos, com o espaço de estágio nas diferentes instituições, sendo que não existe nenhuma turma antes de nós.

Antes de abordarmos sobre a pesquisa com os supervisores de campo e os estudantes/estagiários da primeira turma do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS, gostaríamos, no entanto, de apresentar o espaço onde essa pesquisa se deu.

¹² Quando mencionamos a primeira turma de Serviço Social da UNIFESP/BS, estamos entendendo os dois turnos, vespertino e noturno.

Assim, situaremos o leitor a respeito da UNIFESP/BS, do curso de Serviço Social e suas orientações quanto ao estágio supervisionado¹³.

A Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP é uma instituição pública brasileira de ensino superior localizada no estado de São Paulo.

Criada oficialmente em 1994, a UNIFESP originou-se da Escola Paulista de Medicina - EPM, entidade privada fundada em 1933 que foi federalizada em 1956.

O campus Baixada Santista, onde é ministrado o curso de Serviço Social, foi o primeiro campus fora da cidade de São Paulo, no contexto da expansão universitária¹⁴, iniciou suas atividades com cursos de graduação no ano de 2006, sendo que, apenas em 2009 teve início o curso de Serviço Social.

O curso de Serviço Social, em seu primeiro ano, não preencheu todas as vagas disponíveis. Não podendo ter vagas ociosas, pois essa é a indicação da Política educacional, que as vagas das instituições públicas sejam preenchidas, abriu-se o processo de Transferência Externa.

O perfil dessa primeira turma é, portanto, diferenciado, pois sua configuração se deu de forma diferenciada daquelas que a sucederam, ou seja, um grupo de estudantes teve sua inserção, por meio, do vestibular tradicional da UNIFESP e outro grupo, através do processo de Transferência Externa¹⁵.

A fundação do curso de Serviço Social na UNIFESP/BS é de grande importância para a profissão, pois é a primeira vez que tal curso é criado numa universidade pública federal em São Paulo.

O curso de graduação em Serviço Social, na UNIFESP é ministrado no campus da Baixada Santista, nos períodos vespertino e noturno, formando assistentes sociais em quatro anos.

O projeto pedagógico de formação profissional do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS está alicerçado no Projeto Ético-Político profissional do Serviço Social, e fundamentado nas Diretrizes Curriculares, no Código de Ética do Assistente Social (1993) e na Lei de Regulamentação da Profissão (1993).

“[...] o curso de Serviço Social já nasce sob a égide do Projeto Ético-Político profissional, que tem como direção social a emancipação humana.” (ACOSTA, Ana Rojas [et al], 2010, p. 394)

¹³ Informações disponíveis em <<http://www.baixadasantista.unifesp.br/ss.php>> - Dispõe sobre o curso de Serviço Social da UNIFESP/BS. Acesso em 15 de mar. de 2013.

¹⁴ Processo em andamento desde o início dos anos 2000, que é muito polêmico. Sobre este tema ver Chauí, Marilena. A universidade operacional. Folha de São Paulo. Caderno MAIS, Brasil 500 d.c., São Paulo, 09/05/1999.

¹⁵ As turmas posteriores tiveram sua inserção por meio da participação no Exame nacional do Ensino Médio – ENEM.

O projeto político-pedagógico do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS, no que diz respeito ao estágio supervisionado, adotou “como modalidade única, o estágio supervisionado obrigatório”, aponta ainda, sobre a obrigatoriedade da supervisão de estágio na formação em Serviço Social que se “firma em duas dimensões distintas e indissociáveis de acompanhamento e orientação: a *supervisão acadêmica*, atividade docente, de responsabilidade do^(a) professor^(a), com formação em Serviço Social, no âmbito do curso e, a *supervisão de campo*, atividade profissional, do^(a) assistente social, vinculado^(a) ao campo de estágio.” (Projeto Político-Pedagógico do Serviço Social – UNIFESP/BS, 2011).

De acordo com projeto político-pedagógico do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS o ingresso nos campos de estágio se iniciaria a partir do quinto semestre. Assim, ocorreu com a primeira turma do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS, no início do quinto semestre, ou seja, em meados de 2011 tivemos as primeiras inserções em campos de estágio.

Para tanto, houve a necessidade da criação do setor de estágio do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS. O setor de estágio¹⁶, então iniciou suas atividades em meados de outubro/2010, quando da necessidade de inserção dos alunos nos campos de estágio.

No início de 2011 a Comissão de Estágio era composta por:

- Coordenadora - Prof.^a Dr.^a Sônia Regina Nozabielli;
- Técnicos Assistentes Sociais - Cíntia Aparecida da Silva e Fabrício Gobetti Leonardi;
- Professor Supervisor Acadêmico.

Nesse mesmo período, a primeira turma de Serviço Social, única a ingressar nos campos de estágio, contava com 45 estudantes/estagiários, sendo que 31 instituições receberam estudantes/estagiários do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS.

A partir de janeiro/2012 a Comissão de Estágio passou a ser composta por:

- Coordenadora - Prof.^a Dr.^a Tânia Maria Ramos de Godói Diniz;
- Vice-coordenadora - Prof.^a Dr.^a Luciana Maria Cavalcante Melo;
- Técnicos Assistentes Sociais - Fabrício Gobetti Leonardi e Viviane Amaral Silva;
- Professores Supervisores Acadêmicos (rotativo)

No ano letivo de 2012, o curso de Serviço Social da UNIFESP/BS, incluindo as demais turmas que iniciaram o período de estágio, contava com 116 estudantes/estagiários, sendo 63 instituições que receberam estudantes/estagiários do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS.

A pesquisa que apresentaremos a seguir está subsumida no contexto explicitado, porém só fora realizada com os supervisores de campo da última turma (vespertino e

¹⁶ Dados obtidos pelo Setor de Estágio do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS pela técnica de assuntos educacionais - Viviane Amaral Silva (assistente social)

noturno). Essa turma conta com 39 estudantes inseridos em 32 instituições¹⁷ de campo de estágio e 3 estudantes que não estão inseridos em nenhum campo de estágio.

Tendo a primeira turma como universo da pesquisa, contatamos os profissionais relacionados, a partir das informações obtidas, em novembro de 2012, com o setor de estágio em Serviço Social da UNIFESP/BS. A pesquisa se deu através de elaboração de questionário onde constavam 22 perguntas fechadas versando sobre: identificação, situação profissional e formação profissional, também contou com 7 questões abertas que abordavam o tema sobre o processo de supervisão de estágio.

Nas 32 instituições de campo de estágio encontramos 33 profissionais assistentes sociais/supervisores de campo, sendo que 3 estavam afastados por motivo de férias.

Assim, o questionário foi aplicado a 30 profissionais assistentes sociais/supervisores de campo (a totalidade de profissionais em atividade). Desses 30 profissionais, 14 não deram devolutiva, 3 não quiseram responder, totalizando dessa forma 13 questionários respondidos, correspondendo a 43,33% dos questionários aplicados.

Para a aplicação do questionário, contatamos os profissionais por e-mail, de acordo com as informações obtidas pelo setor de estágio do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS e/ou através dos próprios estudantes/estagiários que são supervisionados por estes profissionais, assim enviamos o questionário, juntamente com uma carta explicando os objetivos da pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. Apenas, um profissional supervisor de campo recebeu o questionário, junto com a carta e o TCLE, por intermédio do estudante/estagiário que estagia no serviço. (O questionário de entrevista, a carta e o termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE encontram-se aos anexos).

Assim, através das perguntas fechadas contidas no questionário, realizamos coleta de dados para conhecer o perfil do profissional assistente social/supervisor de estágio de campo da primeira turma do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS.

A fim de situar o leitor, apresentamos a seguir, algumas características desses sujeitos a partir da pesquisa. Para falar um pouco do que eles pensam, consideramos importante mapear algumas de suas características, enquanto grupo pesquisado, no que diz respeito a sua identificação, ao seu perfil profissional e a sua formação profissional.

¹⁷ Informações obtidas pelo setor de estágio do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS com base em novembro/2012.

3.1 - Conhecendo os supervisores de campo da primeira turma¹⁸

Foram indicadores para construção do perfil de identificação: sexo, idade e pertença étnico-racial.

Percebemos que a profissão, começa a mostrar mudanças no que diz respeito a sua absorção pelo gênero feminino, pois 2 profissionais do universo pesquisado são homens. Isso demonstra uma mudança no perfil na questão de gênero, que homens começam a estar presentes na profissão. Talvez, por essa ser uma profissão muito identificada, no passado, com a ideia de “ajuda”, “caridade”, “cuidado”, que sempre foram vistas como questões do feminino, nós não tínhamos a inserção de homens. Hoje com a profissão tendo outro jeito de ser vista socialmente, possivelmente, os homens a estejam procurando.

Esse cenário tende a se diversificar ainda mais, pois a procura pelo curso de Serviço Social vem mudando nos últimos anos. Aqui na UNIFESP/BS percebemos essa alteração, notando um aumento considerável na busca do curso por estudantes homens. Dos estudantes/estagiários dessa turma, 8 são homens e 33 são mulheres, por exemplo.

Temos uma mescla no que se refere à idade desses profissionais: 6 profissionais têm idade entre 45 e 59 anos e, 4 com idade entre 25 e 34 anos. Percebemos um grupo de profissionais mais novos e outro mais velho.

A respeito da pertença étnico-racial, o objetivo foi investigar como os assistentes sociais se reconhecem. Dessa forma, 8 profissionais se denominam brancos e 3 se denominam pretos/negros, conforme sua autodeclaração. 02 dos profissionais, nessa questão, respondeu “outras”, mas não mencionou qual. Posto que, esse dado nos revela uma realidade ainda muito presente no acesso ao nível superior com sua maioria identificada com a pertença étnico-racial branca (8), com os dados apresentados, dos que se denominam pretos/negros começa-se a notar transformações no acesso ao ensino superior.

A pesquisa permitiu investigar alguns aspectos do trabalho do assistente social/supervisor de campo, o que envolve: quantidade e tipos de vínculos empregatícios, natureza da instituição em que atua, área de atuação, quantidade de estagiários sob sua supervisão, cargo, tempo de atuação no Serviço Social, carga horária de trabalho e a renda profissional provenientes da área do Serviço Social.

Os campos em que os estudantes/estagiários estão inseridos são diversificados (público, privado e terceiro setor). Esses profissionais que estão trabalhando nesses diversos campos, na sua maioria, 11 deles, possui apenas um vínculo empregatício e 2

¹⁸ Trataremos aqui em números absolutos. Embora essa quantidade de profissionais represente 43,33% do número total de profissionais, sendo que o universo de pesquisa não é muito grande. Essa amostra vai trabalhar com um número de 13 questionários respondidos, por isso trataremos em número absoluto.

possuem mais de um. Esse dado nos faz pensar sobre o tipo de trabalho e o tempo exigido do profissional e, como a partir disso, ele organiza a supervisão?

A natureza da instituição, tipo de vínculo empregatício, cargo e carga horária foram aferidos em relação ao principal vínculo empregatício do profissional (sendo considerado o de maior carga horária do profissional). 7 profissionais afirmaram que o principal vínculo empregatício é de natureza pública municipal, 2 são funcionários públicos estaduais, 1 é do setor privado e 3 afirmaram que o principal vínculo é como funcionário do terceiro setor.

Sendo a assistência social, a área com maior número de profissionais assistentes sociais/supervisores de campo (5 profissionais), sendo que 1 profissional entendeu seu espaço também, como de educação. Notamos uma diversificação das áreas de atuação profissional que abarcam o estudante/estagiário do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS. Além dos 5 profissionais na assistência, temos 3 profissionais que atuam na habitação, 1 na educação, 1 com população de rua, 1 no esporte (futebol), 1 na penitenciária e 1 na área da saúde.

Quando perguntados sobre quantos estudantes/estagiários ficam sob sua supervisão, 6 profissionais disseram que supervisionam apenas 01. Outros 5 profissionais declararam supervisionar 02 estudantes/estagiários, 1 supervisiona 03 estudantes/estagiários e ainda, 1 afirmou supervisionar mais de 03 estudantes/estagiários.

Esse dado pode nos apontar um entendimento, por parte dos supervisores de campo, de perceber a supervisão de estágio como parte de suas atribuições, enquanto assistente social. E embora, a maioria supervisione 01 estudante/estagiário, notamos um grupo de profissionais que possui mais de 01 estudante/estagiário sob sua supervisão. Isso demonstra uma interação com o disposto na Resolução 533 do CFESS (2008):

Parágrafo único. A definição do número de estagiários a serem supervisionados deve levar em conta a carga horária do supervisor de campo, as peculiaridades do campo de estágio e a complexidade das atividades profissionais, sendo que o limite máximo não deverá exceder 1 (um) estagiário para cada 10 (dez) horas semanais de trabalho.

Observando essa Resolução e os dados apontados pelos profissionais, nos questionamos: Será que esses profissionais que supervisionam apenas 01 estudante/estagiário têm interesse de ter mais estagiários? Quais os motivos que levam o profissional a absorver apenas 01 estudante/estagiário? Será que existe alguma dificuldade do profissional nessa relação?

Outro dado importante diz respeito ao tempo de atuação na área de Serviço Social, 5 profissionais trabalham há mais de 16 anos na profissão, o que demonstra uma formação com parâmetros diferentes do que se entende hoje a respeito do estágio supervisionado, pois alguns se formaram antes mesmo da aprovação do Código de Ética da profissão de

1993. Contudo, 4 profissionais assistentes sociais/supervisores de campo atuam na profissão de Serviço Social entre 6 e 10 anos, indicando uma formação mais recente, podendo ter mais condições de realizarem a supervisão de estágio, visto que em sua formação estão presentes conceitos dispostos nos documentos e políticas da profissão de Serviço Social que discorrem sobre o estágio supervisionado.

Quanto à nomenclatura do cargo que ocupam, a maioria (9) diz ser contratada como assistente social. Entretanto, 4 profissionais disseram não possuir o cargo de assistente social. Os 4 profissionais trabalham em regime estatutário. O questionário, infelizmente não trazia a pergunta sobre a identificação do cargo que ocupam. Por isso, nos questionamos: Será que este profissional está numa função de coordenação ou gestão e por isso seu cargo recebe outra nomenclatura?

No que se refere à carga horária, 10 dos assistentes sociais/supervisores de campo trabalham 30 horas semanais (h/s), porém, mesmo com a Lei 12.317/2010 que estabelece a redução da carga horária do profissional de Serviço Social para 30 h/s¹⁹, sem redução de salário, ainda 2 dos profissionais trabalham 40 h/s, sendo que esses 02 estão entre os profissionais, acima relacionados, que não possuem o cargo de assistente social. Portanto, não estando em conflito com a legislação.

Para a profissão diz respeito à renda total na área de Serviço Social. De acordo com a pesquisa, 08 dos assistentes sociais pesquisados tem sua renda individual em torno de 4 a 6 salários mínimos (S/M), considerando o salário mínimo atual de R\$ 678,00, esses dados nos demonstram que a maioria dos profissionais tem sua renda entre R\$ 2.712,00 a R\$ 4.068,00, o que denota uma situação salarial razoavelmente boa diante da realidade do país. Mas, isso não se dá em todo o país, visto que a profissão de Serviço Social, ainda não possui piso salarial estipulado por lei. Entretanto, vem sendo pleiteado pelas organizações da categoria, projeto de lei em tramitação desde 2008, agora como PL 5278/2009, que desde 2009 registra um piso de R\$ 3.720,00 devendo ser reajustado após sua aprovação. As tentativas originais foram de fixar o piso em 10 salários mínimos.

Investigou-se também, alguns aspectos da formação profissional do assistente social/supervisor de campo, englobando ano de formação, realização de cursos de atualização/capacitação após a graduação, atual formação, participação, na graduação, em alguma disciplina que “ensinou” a supervisionar, participação, após a graduação, em algum curso que “ensinou” a supervisionar, também buscou-se averiguar, o conhecimento/apropriação dos profissionais referidos acerca da Legislação Profissional, envolvendo Diretrizes Curriculares para o Curso de Serviço Social, Lei de Regulamentação

¹⁹ Muitas têm sido as dificuldades dos profissionais em todo Brasil para conseguirem que a Lei sancionada em 2010 realmente seja cumprida. O site do Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), que criou um observatório de implantação das 30 h/s, divulga constantemente o nome das instituições e os municípios que, até o momento, implantaram a Lei.

da Profissão, Código de Ética, bem como a Política Nacional de Estágio e o Projeto Político Pedagógico do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS.

Notamos em nossa pesquisa que 6 profissionais formaram-se antes do ano de 1990, ou seja, antes da aprovação dessas novas diretrizes, o que significa outra concepção de estágio, diferente das que estão presentes nas diretrizes hoje. No entanto, 7 profissionais formaram-se depois do ano de 1994, demonstrando um grupo de profissionais com uma formação embasada no Código de Ética de 1993 e já formado pelas novas Diretrizes Curriculares, orientadores na realização do estágio supervisionado. Quando interrogados sobre a participação em cursos de atualização profissional, após a graduação, 11 profissionais disseram ter realizado algum tipo de curso, sendo poucos os que têm titulação para além da graduação: 5 são especialistas, mostrando-se que a pós-graduação *lato sensu* ainda é a mais acessível, embora a maioria tenha apenas a graduação. Isso demonstra também, a pouca aderência, por parte dos profissionais, a formação continuada.

Ao perguntar sobre a participação em alguma disciplina, na graduação, que “ensinou” a supervisionar, todos os profissionais disseram não ter participado de nenhuma disciplina que abordasse o tema supervisão. Percebemos que os profissionais não reconhecem o espaço de supervisão acadêmica como um local que oriente, quanto ao ser supervisor. Talvez, isso ocorra, pelo fato, de realmente, esses espaços não terem acontecido ou não terem trabalhado tal conceito.

E quando perguntados sobre a participação em algum curso, após a graduação, que “ensinou” a supervisionar, apenas 1 profissional diz ter participado, mencionando o Fórum de Supervisores da UNIFESP como curso realizado com essa finalidade. Apontamos a ideia de que não existe um manual para a realização da supervisão de estágio, apenas orientações nas legislações vigentes da profissão, norteadas pela atuação do profissional. O Fórum de Supervisores, ao nosso entender também, não é um curso para “aprender” como supervisionar, mas que mostrou, diante da fala desse profissional, ter preenchido uma lacuna que está existente.

Não estamos falando de manuais, não estamos pensando numa “cartilha” que ensine a supervisionar, mas estamos preocupados em saber quais os espaços, entendidos por esses profissionais que ajudam, auxiliam, contribuem na construção deste supervisor de campo?

A resposta a essas duas perguntas nos demonstram que, os supervisores de campo, não sentem isso nem no momento da sua graduação e nem no momento posterior a ela. Com isso nos perguntamos: Como esses profissionais constroem suas estratégias? Como pensam o como fazer a supervisão, diante da ausência de referências tanto na graduação como posteriormente?

Espaços como apontados, por este profissional, se revelam então, como momentos importantes e necessários para se pensar a materialização da supervisão de estágio, tal como preconizada nas Diretrizes Curriculares da ABEPSS.

A respeito do conhecimento das assistentes sociais sobre a Legislação Profissional, se observou que referente às Diretrizes Curriculares do Curso de Serviço Social, 2 profissionais dizem desconhecer. Ressaltamos que a elaboração das novas Diretrizes Curriculares para o Curso de Serviço Social, sob a coordenação da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS e com apoio de outras entidades da categoria, como vimos no capítulo anterior – decorre de um amplo debate realizado pelas Unidades de Ensino a partir de 1994, que culminou com sua aprovação em 1996. Essas novas diretrizes aprofundam as bases do processo de revisão curricular de 1982, quando a formação profissional do assistente social rompeu com suas bases conservadoras, assumindo uma perspectiva histórico-crítica da profissão.

Sobre a Lei de Regulamentação da Profissão – Lei nº 8.662, de 8 de junho de 1993 – que dispõe sobre a profissão de Assistente Social, definindo suas competências e atribuições privativas, entre outros, frisamos que 12 profissionais já leram a Lei de Regulamentação da Profissão, porém ainda, 1 profissional diz nunca ter lido a Lei, sendo este, 1 dos profissionais que respondeu desconhecer as Diretrizes Curriculares – dado preocupante ao se pensar a atuação profissional.

O Código de Ética de 1993 é um marco na trajetória do Serviço Social no Brasil. Fruto de um processo coletivo de debates e reflexões em meio à categoria de Assistentes Sociais expressando uma nova direção ético-político-profissional. Nesse aspecto, enfatizamos que 12 profissionais já leram e/ou conhecem o Código de Ética da profissão, contudo, constatamos que 1 profissional desconhece o Código de Ética – outro dado preocupante ao se pensar a atuação profissional e a atribuição de ser supervisor de campo. Ressaltamos que este mesmo profissional também, disse desconhecer as Diretrizes Curriculares e a PNE.

A Política Nacional de Estágio – PNE, de abril de 2010 – criada pela ABEPSS – representa um instrumento de luta pela defesa do estágio em Serviço Social com qualidade para a formação profissional. Essa Política trouxe princípios norteadores para a realização do estágio supervisionado, organizando em todo o território nacional as ações vinculadas ao tema, tendo como referência as Diretrizes Curriculares da ABEPSS, na Lei 8662/1993, no Código de Ética do assistente social e na legislação recente. Nesse aspecto, 11 profissionais dizem conhecer a Política Nacional de Estágio, porém 2 profissionais, mesmo atuando como supervisor de estágio de campo, desconhecem o conteúdo da Política. Embora, esse seja um dado preocupante, visto que o profissional está atuando como

supervisor de campo, por outro lado é bom ver que mesmo a PNE sendo uma legislação muito recente, apenas 2 anos, vem sendo apropriada pelos profissionais.

Ressaltamos que um dos profissionais que dizem desconhecer a PNE é o mesmo que também, diz não conhecer o Código de Ética e as Diretrizes Curriculares do curso de Serviço Social, o que nos parece preocupante diante de um profissional que está atuando e participando da formação de um estudante, futuro assistente social.

Quando perguntados sobre o conhecimento do Projeto Político Pedagógico do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS, 5 profissionais disseram desconhecer, ou seja, nem sequer haviam lido. Pensando o número de profissionais que desconhecem as Diretrizes Curriculares e as outras três legislações aqui citadas, muito nos preocupou, pois, lembrando que a supervisão de estágio é uma atribuição privativa do assistente social, nesse sentido, nos perguntamos: de que forma os assistentes sociais/supervisores de campo poderiam conhecer o que a graduação de Serviço Social da UNIFESP/BS estuda hoje? Qual o direcionamento presente nesta formação? Mesmo em termos de atualização, não seria importante conhecer as diferenças entre a sua formação e a atual? Como a universidade vincula essa informação?

Ressaltamos ainda, que a luta por direitos e a discussão do protagonismo social e importância dos movimentos sociais, vem sendo mote da defesa dos assistentes sociais nos últimos 30 anos, afirmado em nossa legislação e deixado com centralidade na formação dos assistentes sociais. Isso também, diz respeito ao estágio supervisionado, visto que se trata de um momento de aprendizagem de futuros profissionais e de fortalecimento do Projeto Ético-Político da Profissão.

Vimos aqui, alguns elementos do perfil desse grupo de assistentes sociais que representam quase a metade do número total de supervisores de campo dessa primeira turma de Serviço Social da UNIFESP/BS. Então, como este grupo, com essas características, entende a supervisão de estágio?

3.2 – Concepção e vivência da supervisão de campo

Com o perfil mapeado e com os dados coletados, com as perguntas abertas, realizamos o processo de análise, tomando como partida três eixos centrais: Concepção de Supervisão de Estágio em Serviço Social, Processo de Supervisão de Estágio e Condições para Realização da Supervisão de Estágio.

Esses elementos são centrais para a compreensão e realização do estágio supervisionado de acordo com o preconizado nas Diretrizes Curriculares e na PNE. Tais elementos condicionam a qualidade do estágio supervisionado como também e,

principalmente, a formação do estudante/estagiário, futuro profissional assistente social e, também, futuro supervisor de campo.

Os eixos apontados são balizadores para a compreensão do estágio supervisionado em Serviço Social.

Buscamos dessa forma, apresentar como se dá o processo de estágio supervisionado da primeira turma de Serviço Social da UNIFESP/BS, nos diferentes espaços sócio-ocupacionais nos quais estão inseridos os estudantes/estagiários, ampliando a reflexão a respeito do perfil apresentado anteriormente.

A – Concepção de supervisão de estágio em Serviço Social

Encontramos cinco categorias de análise dentro de concepção, sendo quatro categorias de respostas e um grupo de profissionais que não definiu quanto à supervisão de estágio. Essas categorias versam sobre: **relação teoria/prática, espaço de troca de experiências, preparação para a prática e conduta ética profissional.**

Em relação à concepção, na totalidade dos assistentes sociais/supervisores de campo, está presente a ênfase na importância que esse espaço tem. Mas, quanto a sua definição, percebemos uma diversidade de significados, que versam a respeito dos itens já apresentados. Porém, 02 profissionais assistentes sociais/supervisores de campo não definiram, apenas mencionaram sobre sua importância ou sobre um de seus aspectos, como expressam as falas:

*“De maneira que haja a **troca de diálogo** entre os supervisores.”* (Sujeito 2)

*“**Fundamental no processo de formação** do aluno e após também, eu até hoje faço supervisão.”* (Sujeito 3)

Isso revela uma dificuldade de entendimento ou talvez, de definição, de alguns profissionais, do que é de fato a supervisão de estágio em Serviço Social, o que nos preocupa, visto que estes já são profissionais assistentes sociais/supervisores de campo. Faz pensar qual a formação que obtiveram estes profissionais e, como estes enxergam a formação continuada em Serviço Social? Qual o entendimento que estes profissionais têm sobre a supervisão de estágio em Serviço Social? Qual a dificuldade encontrada para definir, de fato, o que seria a supervisão de estágio em Serviço Social?

A partir da definição feita pelos sujeitos da pesquisa, agrupamos as respostas, como já exposto anteriormente, em quatro categorias: relação teoria/prática, espaço de troca de experiências, preparação para a prática e conduta ética profissional.

Tiveram 05 profissionais que mencionaram sobre as concepções que demonstram a apreensão do profissional a partir da ênfase do estágio como, processo que possibilita o ensino/aprendizagem e a relação teoria/prática.

*“[...] a oportunidade de entender **melhor a parte teórica e metodológica** que é nos passado na sala de aula.”* (Sujeito 4)

*“Processo de ensino aprendizagem na **relação teoria-prática.**”* (Sujeito 8)

O entendimento do que é a supervisão de estágio em Serviço Social, por parte dos profissionais assistentes sociais/supervisores de campo, como expressam as falas apresentadas, muito se vincula a questão da unidade teoria/prática, demonstrando que essa apreensão se dá num processo de ensino/aprendizagem, o que favorece, como já vimos anteriormente, o fortalecimento do Projeto Ético Político.

Lewgoy (2010) nos aponta como a supervisão de estágio é entendida hoje pelo corpo de profissionais assistentes sociais:

Compreendida como espaço afirmativo de formação, a supervisão de estágio tem como matéria-prima, para o supervisor, o processo de aprendizagem, que vai se afirmando diante da intencionalidade, da orientação do acompanhamento sistemático e do ensino, na perspectiva de garantir ao aluno o desenvolvimento da capacidade de produzir conhecimentos sobre a realidade com a qual se defronta no estágio e de intervir nessa realidade, operando políticas sociais e outros serviços. (p. 120)

1) *“[...] uma oportunidade para o aluno **entender a relação da teoria/prática.**”* (Sujeito 1)

*“[...] é a dialética do **processo entre teoria e prática** com funções pedagógicas.”* (Sujeito 6)

*“[...] **fortalecer o pensamento crítico e o posicionamento político através de referenciais teóricos**, de forma que a defesa do Projeto Ético Político - PEP se materialize através da práxis profissional.”* (Sujeito 10)

Nessa mesma categoria de análise, observamos que 01 profissional assistente social/supervisor de campo define a supervisão de estágio como sendo o momento de ensino da prática, porém não desvincula desse processo de apreender o exercício profissional, a ligação com a teoria, antes coloca que essa preparação para a prática se dá na relação com a teoria.

*“[...] visa **qualificar o aluno e prepará-lo dentro da prática profissional, interligando a mesma com a teoria**, mostrando os enfrentamentos do cotidiano [...].”* (Sujeito 11)

Percebemos a supervisão de estágio como momento único para desenvolvimento da profissão e fortalecimento do Projeto Ético-Político. É através da supervisão de estágio que o estudante/estagiário se aproxima da realidade podendo “conversar” com a teoria apreendida, ao mesmo tempo em que, “devolve” para realidade as reflexões obtidas nesse movimento. Dessa forma, a unidade teoria/prática vai se revelando ao estudante nesse processo de formação, denominado estágio supervisionado.

Essa relação teoria/prática não se estabelece de forma direta e imediata, através de segmentos isolados e com o primado de um sobre o outro, mas um processo contínuo que se expressa numa relação de unidade, complementariedade e interdependência de ambos os momentos: o momento teórico e o da realidade concreta. (Silva, 1994, p. 148)

Notamos que a maioria dos profissionais, 50% dos profissionais, pensa a supervisão de estágio como um facilitador na compreensão da unidade/prática e, mais, sentem este momento, como forma de apreender a materialização desse aspecto.

Outra categoria de respostas quanto à concepção, entende como um momento de troca de experiências. Dos sujeitos pesquisados, 02 afirmaram a supervisão de estágio em Serviço Social como:

“Uma troca de experiências.” (Sujeito 3)

*“Uma oportunidade grandiosa de **aprendizado, troca e atualização profissional.**”* (Sujeito 13)

Os conceitos presentes nas falas acima citadas, a respeito da supervisão de estágio e os apresentados na categoria anterior, não estão desvinculados um do outro, mas se complementam, pois a relação de ensino/aprendizagem do exercício profissional não ocorre desligada da unidade teoria/prática, nem tão pouco da troca de experiências, vivências que esta proporciona, antes, se complementam e permitem uma maior apreensão da realidade apresentada.

A supervisão de estágio em Serviço Social é uma atribuição privativa do assistente social e compreende como momento privilegiado da formação profissional, podendo o estudante/estagiário vivenciar a aprendizagem do exercício profissional constituída a partir das dimensões: ética, política e técnica. Sabendo que essas não ocorrem separadamente, mas se expressam na concretização do trabalho profissional.

Em outros momentos, aparecem conceitos que vinculam a supervisão ao “saber fazer”, como se esse fosse o momento da “prática” profissional, de “aprender” a ser assistente social. Nesse aspecto, 02 profissionais se posicionaram, tendo esta ideia como norteadora do que é a supervisão de estágio em Serviço Social.

*“Acredito que seja um espaço único onde aluno e supervisor possam, realmente, trocar experiências e conhecimentos objetivando **aprimorar a prática profissional**.”*
(Sujeito 9)

*“É um momento para realização do **acompanhamento e orientação das atividades desempenhadas por este futuro profissional**.”* (Sujeito 12)

A supervisão não pode ser entendida como local de “ensino da prática”, mas percebida como um espaço de ensino/aprendizagem que demonstra na realidade da atuação a unidade das dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa.

É preciso ter cuidado ao realizar a supervisão de estágio para não inferir como sendo este o momento do “ensino da prática”, onde teoria/prática são dimensões distintas e independentes.

Sabendo que o Serviço Social é uma profissão inserida na divisão sócio-técnica do trabalho e que o profissional é chamado a trabalhar com as demandas apresentadas pela sociedade, este necessita ter clareza de sua formação, entendendo o exercício profissional como processo continuado de aprendizado.

Estas considerações remetem à formação de profissionais qualificados para investigar e produzir conhecimentos sobre o campo que circunscreve sua prática, de reconhecer o seu espaço ocupacional no contexto mais amplo da realidade sócio-econômica e política do país e no quadro geral das profissões. Formar profissionais habilitados teórica e metodologicamente (e, portanto, tecnicamente) para compreender as implicações de sua prática, reconstruí-la, efetivá-la e recriá-la no jogo das forças sociais presentes. (IAMAMOTO, 2008, p. 163)

Ainda tivemos 01 profissional que menciona a supervisão de estágio como uma forma de aprender a conduta ética profissional.

*“Um meio para o **aprendizado e assimilação da conduta ética profissional**.”*
(Sujeito 7)

Esse foi o único profissional que colocou a questão da conduta ética. Da maneira que se apresenta na fala acima citada, vale pensarmos: Como esta conduta ética está sendo entendida? Como um “saber fazer”? Ou como um apropriar-se da realidade, refletir sobre ela e poder tomar decisões diante da nossa ética profissional?

Analisando este eixo que aborda a concepção de supervisão de estágio em Serviço Social vimos que, há unanimidade dos profissionais pesquisados ao assumirem a importância desse processo e embora, os profissionais como vimos anteriormente, na construção do perfil, não tenham tido, em sua graduação e nem após, conteúdos sobre o processo de supervisão de campo, na maioria das respostas obtidas percebemos a

compreensão, desses profissionais, entendendo-a como um processo de formação muito vinculado à unidade teoria/prática, com outros elementos que também são importantes de serem vistos e, que se relaciona com nosso Projeto Ético Político.

Há profissionais que ainda compreendem a questão do estágio muito vinculado à preparação profissional, ao “saber fazer”. Como vimos no capítulo anterior esta é uma perspectiva que durante muito tempo esteve na profissão, mas temos um grupo grande de profissionais que fala da unidade teoria/prática, que é o que hoje está presente nas Diretrizes Curriculares, no Código de Ética, na PNE e, que como já dissemos em vários momentos, contribui na materialização do Projeto Ético Político.

Seria, no entanto, necessário ampliar o debate sobre a concepção de supervisão de estágio e, é papel da universidade, através dos fóruns, seminários, encontros entre supervisores (acadêmico e campo) e estudante/estagiário, conduzir, auxiliar na reflexão desses profissionais assistentes sociais/supervisores de campo que são corresponsáveis na formação dos futuros profissionais assistentes sociais e também, futuros supervisores de campo.

B - Processo de supervisão de estágio

Quando perguntados como se dá o processo de supervisão, obtivemos respostas no que dizem respeito à **Dinâmica da Supervisão** e as **Estratégias Utilizadas para a Supervisão** que, analisaremos a seguir.

b.1 – Dinâmica da Supervisão

Quanto à Dinâmica da Supervisão: 04 profissionais assistentes sociais/supervisores de campo responderam que realizam **momentos específicos com os estudantes/estagiários**; outros 04 profissionais responderam que essa supervisão ocorre num **processo diário**; 02 profissionais mencionaram como formato de sua supervisão os dois aspectos anteriores e 02 profissionais não comentaram sobre esse aspecto. Os profissionais assistentes sociais/supervisores de campo que não comentaram a respeito, não estão dizendo que não existe a necessidade que se realize momentos específicos. Quanto a isso, não sabemos. Porém, em suas falas, não explicitam a existência de um momento específico, como vemos a seguir:

“Confesso que não se dá num ambiente muito favorável porque sou muito solicitada.”
(Sujeito 5)

“Procuramos trabalhar através do diálogo horizontal e da interdisciplinaridade.”
(Sujeito 8)

Percebemos uma dificuldade, apresentada pelos profissionais, de uma sistematização do processo de supervisão de estágio, seja pelo acúmulo de trabalho que, acaba por suprimir a supervisão sistemática de estágio, seja pela falta de compreensão da importância na concretização desse processo.

Destacamos a questão do acúmulo de trabalho do profissional, pois sabemos que o cotidiano de trabalho dos assistentes sociais tende a ser exaustivo, onde o profissional, muitas vezes, é “engolido” pelo excesso de trabalho. Mas, diante disto, como esse profissional, que se encontra na posição de supervisor de campo, organiza seu tempo e trabalho, considerando momentos importantes e necessários de “suspensão da cotidianidade”, a fim de refletir, a partir de seu embasamento teórico, devolvendo à realidade respostas que proporcionem a contribuição na transformação da sociedade como preconizado no Código de Ética de 1993?

Outra questão nos leva a pensar como o profissional assistente social/supervisor de campo organiza suas atividades a fim de que o processo de supervisão de estágio se materialize, contribuindo na formação de futuros profissionais assistentes sociais?

Ainda, tivemos 01 profissional que não comentou a respeito do formato de sua supervisão, mas mencionou que ela não ocorreu, em razão do processo de greve dos professores da UNIFESP/BS, entendendo a pergunta como se fosse referente ao processo de supervisão de estágio junto com o professor/supervisor acadêmico e, não no seu cotidiano do campo de estágio.

“Até o momento nunca teve esse contato, creio que por conta da greve que teve na UNIFESP/BS [...]” (Sujeito 2)

Essa consideração nos preocupa, pois entendendo que o período de greve não se estendeu por todo ano letivo, como se deu o processo de supervisão de estágio junto aos estudantes/estagiários nos períodos em que não ocorreu a greve?

Os 04 profissionais que entenderam o formato da supervisão de estágio como momentos específicos com o estudante/estagiário foram:

“Duas vezes por semana, priorizando espaços para discussão [...]” (Sujeito 10)

“[...] temos 1 hora por semana para uma supervisão individual [...]” (Sujeito 11)

“[...] buscamos um momento a sós para troca de impressões e reflexões.” (Sujeito 12)

“[...] tentando manter dias e horários designados.” (Sujeito 13)

Entendemos que há, por parte dos profissionais, uma preocupação de uma supervisão sistemática, ou seja, um momento de pausa com o estudante/estagiário para a apreensão do exercício profissional, permitindo tanto ao estudante/estagiário quanto ao profissional assistente social/supervisor de campo pensar sobre a intencionalidade de sua ação e o referencial teórico que o orienta, podendo nesse espaço refletir a respeito da “velha” e sempre atual unidade teoria/prática,

Esse momento específico designado para a supervisão de estágio, de pausa, de reflexão não é mero requisito criado pelas UFA's²⁰, antes, preconizado pela PNE, garantindo assim, um momento de “suspensão da cotidianidade”, a fim de que se afirme a reflexão ética das ações realizadas no espaço do estágio.

Realizar encontros sistemáticos, com periodicidade definida (semanal ou quinzenalmente), individuais e/ou grupais com os(as) estagiários(as), para acompanhamento das atividades de estágio e discussão do processo de formação profissional e seus desdobramentos, bem como de estratégias pertinentes ao enfrentamento das questões inerentes ao cotidiano profissional; (PNE - ABEPSS, 2009, p. 22)

O significado atribuído à dimensão ético-política como âncora do processo de trabalho do assistente social assegura ao profissional, diante das expressões da questão social no cotidiano de trabalho, reflexão ética, o que supõe “suspensão da cotidianidade” (BARROCO, 2003, p. 55 apud LEWGOY, 2010, p. 159).

Ainda pensando o formato da supervisão, tivemos outros 04 profissionais que responderam que esse processo ocorre diariamente, no dia a dia do trabalho profissional nos campos de estágio.

“[...] uma reflexão crítica ao final de cada atividade, visando qualificar e buscar estratégias para intervenção.” (Sujeito 1)

“Processo diário e contínuo.” (Sujeito 3)

“A supervisão se dá a todo momento, a cada ação [...]” (Sujeito 4)

“Lado a lado, atuante com a discente [...]” (Sujeito 6)

Como vimos, as respostas mencionam o processo de supervisão apenas, no âmbito diário, sem abordar sobre a realização de momentos específicos que, permitem a reflexão das ações empreendidas no exercício da profissão.

²⁰ Unidade de Formação Acadêmica.

Compreendemos que todo momento o estudante/estagiário, por meio das atividades desenvolvidas no campo de estágio, apreende aspectos do exercício profissional, mas lembrando, que este estudante/estagiário, se encontra num processo de formação, se faz necessário, momentos periódicos que, possibilitem a reflexão da teoria apreendida no âmbito acadêmico com a realidade encontrada no campo de estágio.

Destacamos na pesquisa, a respeito do formato da supervisão, 02 profissionais assistentes sociais/supervisores de campo que a entendem como sendo complementares: momentos específicos com o estudante/estagiário e a vivência diária no campo de estágio.

“Diariamente conforme a necessidade do estagiário, e as terças e quintas-feiras grupal.” (Sujeito 7)

“Isso se dá diariamente e, sempre que o aluno necessita [...]. [...] **procuramos nos reunir uma vez por semana**, onde todos têm a oportunidade de apresentar questionamentos [...]” (Sujeito 9)

Essa compreensão de como devem ocorrer à supervisão de estágio, ou seja, tendo momentos específicos com o estudante/estagiário, mas também a percebendo diariamente, no exercício do trabalho profissional, nos lembra o que já vimos no capítulo anterior, que a supervisão de estágio permite aos sujeitos envolvidos (supervisor acadêmico, de campo e estudante) trocar saberes, refletir, não só de uma maneira supositiva, mas diretamente na realidade, percebendo a unidade teoria/prática.

Estes elementos permitem pensar o estágio supervisionado, não só como exigência para a graduação em Serviço Social, mas compreendê-lo como:

[...] qualificação discente para o exercício profissional respaldado numa tríplice dimensão: os dados da realidade, objeto da intervenção; a recorrência a conceitos e referências teóricas abstraídas do conhecimento cumulativo e treinamento para a ação profissional. (Silva, 1994, p. 149)

É importante perceber que os profissionais pensam a supervisão de estágio na interação entre esses dois aspectos apresentados, entendendo a necessidade de um período específico para a realização da supervisão, oportunizando uma suspensão da cotidianidade, a fim de refletir sobre as atividades desenvolvidas, proporcionando uma apreensão da unidade teoria/prática. Embora 04 profissionais, que não é pouco, abordem só o aspecto da supervisão cotidiana, a maioria (06) pensa ser importante reservar um momento específico para a realização da supervisão, favorecendo, como já dito anteriormente, o ensino/aprendizado que este espaço viabiliza na formação de futuros profissionais assistentes sociais.

b.2 - Estratégias Utilizadas para a Supervisão

Quanto às estratégias utilizadas para a realização da supervisão de estágio dizem respeito ao recurso: **a orientação à leitura e discussão de textos** para conhecimento; **a observação; estudo/discussão de caso e participação nos atendimentos.**

Os profissionais apresentam, em suas respostas, mais de uma estratégia, vamos agrupar aqui as estratégias que aparecem como principais e dentro dessas dizer quantos se referiram a essa estratégia, entendendo que o mesmo profissional pode ter citado na sua resposta mais de uma dessas estratégias, portanto os números que aparecerão aqui demonstrarão essa múltipla resposta.

Do universo pesquisado, 05 profissionais disseram utilizar como estratégia para a realização da supervisão de estágio o recurso à orientação à leitura e discussão de textos, entendendo como forma de ampliar o conhecimento, promovendo uma supervisão de estágio mais qualificada.

“Leitura de orientações, normativas e políticas específica.” (Sujeito 1)

“[...] indicações de leituras [...].” (Sujeito 7)

“[...] buscamos textos de apoio e legislações pertinentes à política trabalhada.” (Sujeito 9)

“[...] textos que subsidiam uma reflexão crítica, instrumentos normativos que embasam nossa atuação [...].” (Sujeito 10)

“Estudo da teoria que envolve o campo de estágio.” (Sujeito 11)

Verificamos que o recurso à orientação à leitura e discussão de textos, utilizado como estratégia para a realização da supervisão de estágio compreende desde a literatura do Serviço Social, as temáticas concernentes ao estágio ou a profissão, a legislação até aos próprios instrumentos existentes no campo de estágio. Todos os 05 profissionais assistentes sociais/supervisores de campo dizem ser importante ler e se apropriar do conhecimento. Todos estes utilizam esse recurso de orientar que o aluno leia, podendo se apropriar de forma dialética do exercício profissional.

Se, entendemos o estágio e, parte dos profissionais também compreende assim, como vimos no capítulo anterior, como espaço da unidade teórico/prática é fundamental que realmente, no campo de estágio, se deem outras leituras e discussão das mesmas.

Esses elementos conferem ao estágio supervisionado materialidade ao método de ensino/aprendizagem na unidade teoria/prática como aponta Lewgoy:

O conhecimento dos processos contemporâneos, um dos objetivos do processo da supervisão, terá caráter prático, que confere concretude o processo de ensino-aprendizagem pela relação entre pensamento e realidade. Nesse sentido, o espaço da supervisão é significativo por não permanecer no plano discursivo, incompatível com a dimensão interventiva da profissão (2010, p. 152).

Outros 05 profissionais descreveram que utilizam como estratégia para a realização da supervisão o recurso à observação, sendo que algumas vezes, essa observação ocorre através, da orientação e também, da escuta.

“[...] observação do estagiário em atendimento [...]” (Sujeito 3)

“Através da observação dos estagiários.” (Sujeito 4)

“Escuta, observação [...]” (Sujeito 12)

“[...] orientação na atuação de postura profissional.” (Sujeito 2)

“Utilizamos a orientação, o acompanhamento e a avaliação do aluno.” (Sujeito 8)

O processo de observação e acompanhamento permite ao estudante/estagiário conhecer o espaço sócio-ocupacional em que está inserido, as demandas presentes, reconhecendo as expressões da questão social impressas no dia a dia do exercício profissional.

As respostas apresentadas nos revelam que os profissionais assistentes sociais/supervisores de campo da primeira turma de Serviço Social da UNIFESP/BS reconhecem na observação uma estratégia de realização da supervisão de estágio, pois os estudantes/estagiários podem como já dissemos anteriormente, conhecer uma determinada atividade profissional, permitindo o aprimoramento de seu exercício. É importante pensar a observação tendo direcionamentos e momentos de discussão posterior.

Também, percebemos como estratégia utilizada para a realização da supervisão o recurso ao estudo/discussão de caso, sendo que 05 profissionais mencionaram a respeito:

“Diálogo com troca de vivências [...]” (Sujeito 2)

“[...] reflexão sobre os casos acompanhados [...]” (Sujeito 3)

“Discussão das atividades desenvolvidas e avaliação do que foi executado.” (Sujeito 5)

“Discussão de caso [...]” (Sujeito 7)

“Discussão diária (até no próprio campo) [...]” (Sujeito 13)

Por meio dessa estratégia, como já vimos anteriormente, a unidade teórica/prática pode ser desenvolvida, pois o estudo/discussão de caso permite ver na realidade uma situação concreta e analisá-la, refleti-la, a luz dos referenciais teóricos que embasam a ação do profissional assistente social/supervisor de campo e seus valores.

Ainda sobre as estratégias utilizadas para a realização da supervisão de estágio, mais um recurso foi mencionado, o da participação, dos estudantes/estagiários, nos atendimentos. Nesse quesito 02 profissionais citaram que o estudante/estagiário:

*“[...] **participa de atendimento individual** e outras possibilidades que servem de subsídios estratégicos [...].”* (Sujeito 6)

*“**Atendimento em conjunto** quando é permitido pelo usuário [...].”* (Sujeito 3)

Tanto no atendimento individual ou em conjunto o estudante/estagiário pode, nesse processo de ensino/aprendizagem, desenvolver a escuta/linguagem, apreendendo e decodificando conteúdos sociais. Ressaltamos que esses atendimentos devem acontecer, mediante posterior reflexão entre estudante estagiário e assistente social/supervisor de campo ou se não, teremos apenas, o fazer pelo fazer e, não uma prática refletida, embasada teórica e eticamente.

Fomos observando todas as estratégias que apareciam na fala de cada profissional supervisor de campo. Todos os profissionais citaram pelo menos uma dessas estratégias para a realização da supervisão de estágio. No entanto, vale destacar que a maioria – 10 profissionais, citaram apenas 1 dessas estratégias, 01 citou 03 estratégias e 02 citaram 02 estratégias.

Assim, embora a pergunta tenha sido aberta, com o intuito de captar as diferentes estratégias as quais recorrem os profissionais para concretizar no cotidiano de estágio a afirmada relação teoria-prática, constatamos a fragilidade desta questão. Isso nos faz pensar que, embora tenham sido elencadas estratégias importantes, elas não têm aparecido como estratégias conjugadas na ação desse supervisor. Percebemos então, recursos limitados para essa ação, eles não possuem uma gama de opções estratégicas para a concretização dessa supervisão de estágio.

Embora esses profissionais, em sua totalidade, tenham afirmado a importância desse processo de supervisão de estágio, entendendo que é por meio dele que se dá a compreensão da unidade teoria/prática, eles demonstram dificuldade na vivência disso, pois como visto anteriormente, esse supervisor de campo precisa ser o mediador, o facilitador, no campo de estágio, da vivência dessa unidade teoria/prática e, para isso é preciso criar estratégias, pois esse processo não se dá espontaneamente, na imediatez e, percebemos que eles possuem poucos recursos. Com isto, não estamos culpabilizando o

profissional, mas apontando uma limitação que pode ser associado às lacunas presentes no seu processo de formação no que diz respeito à supervisão de estágio.

Os pontos destacados denotam a preocupação dos profissionais assistentes sociais/supervisores de campo em viabilizar o conhecimento do estudante/estagiário, (seja através de leitura e discussão de textos, pela observação, estudo e discussão de caso ou a participação nos atendimentos), fazendo com que este conheça as diferentes expressões da questão social que exigem a presença do profissional de Serviço Social. Mas, diante dos itens apontados alguns questionamentos se fizeram constantes em nossas reflexões: Quais os fundamentos teóricos, metodológicos, históricos, éticos e políticos orientam a atuação desse profissional na posição de supervisor de campo? As estratégias citadas são suficientes para proporcionarem a compreensão da unidade teoria/prática, por eles mesmos apontadas? A utilização desses recursos apresentados se dá atrelado aos princípios e fundamentos ético-políticos do projeto profissional atual da categoria, permitindo a compreensão, de fato da unidade teoria/prática ou servem apenas, como instrumentos de manutenção para um exercício profissional burocrático e rotineiro, entendido apenas enquanto prática?

Lewgoy (2010) aponta uma direção norteadora sobre o processo de supervisão de estágio em Serviço Social:

Esse processo exige que se rompa com a atividade burocrática e rotineira, a fim de assumir a ação de um exercício profissional que exige competência para propor e negociar projetos e qualificar o exercício profissional, isto é, apreender o movimento da realidade para detectar tendências e possibilidades passíveis de serem impulsionadas pelo profissional. Assim, o conteúdo remete à compreensão de que também no processo de supervisão o grande desafio que se vive hoje é desenvolver a capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e efetivar direitos, a partir de demandas emergentes no cotidiano (p. 155).

Dessa forma, as ações descritas pelos profissionais assistentes sociais/supervisores de campo, de acordo com o referencial teórico que orientam sua ação, podem contribuir no fortalecimento do Projeto Ético-Político da profissão, integrando os futuros profissionais nessa mesma perspectiva. Isso ocorre ao se reconhecerem como corresponsáveis na formação desses futuros profissionais, pensando novas estratégias que possibilitem uma supervisão de estágio qualificada.

C - Condições para realização da supervisão de estágio

Entendemos como condições, os meios existentes para realização da supervisão de estágio. Para entendermos quais são essas condições as perguntas que apontavam nessa

direção dizem respeito à **Instituição concedente do estágio, ao Conhecimento profissional do supervisor de campo, a Universidade e ao Estudante/estagiário.**

c.1 - Instituição Concedente do Estágio

Quanto às condições para a realização da supervisão de estágio, referente a instituição, 08 profissionais, a maioria, afirmou que o lugar onde trabalha possibilita uma supervisão qualificada dos seus estagiários.

*“Trabalho numa ONG e **tudo que o serviço social faz é aceito e não há nenhuma intervenção da diretoria.**”* (Sujeito 5)

*“Sim, porque **competete ao gestor supervisor tal decisão.**”* (Sujeito 7)

*“Sim. **Compreende e aceita as condições impostas pela técnica** responsável pela supervisão.”* (Sujeito 13)

*“[...] além de **possibilitar a participação em reuniões de conselhos, território e participação em eventos e cursos, palestras, seminários de capacitação.**”* (Sujeito 3)

*“Sim, **pois a equipe técnica do campo de estágio discute as questões que envolvem o estágio no campo, a fim de possibilitar uma supervisão qualificada, visando estratégias de trabalho articulada com o estagiário e a equipe.**”* (Sujeito 11)

*“[...] **acreditam que precisam formar mais profissionais na área de Serviço Social para o departamento de futebol de base.**”* (Sujeito 6)

*“É uma **instituição aberta a esse tipo de ação.**”* (Sujeito 2)

*“Sim, porque acredito que **toda instituição, todo trabalho desenvolvido tem muito a acrescentar e contribuir para o estagiário.**”* (Sujeito 4)

Como vimos acima, desses 08 profissionais, a maioria avalia que a instituição possibilita uma supervisão qualificada, pois propicia uma **autonomia ao profissional assistente social** no que concerne a sua relação com os estagiários.

Outros vão fazer isso pensando que a instituição propicia a possibilidade do estudante/estagiário em **participar de reuniões e eventos; viabiliza a discussão obre a supervisão junto à equipe; formação de novos profissionais.**

Alguns destes profissionais mencionam a possibilidade da realização de uma supervisão qualificada, por parte da instituição na qual trabalham, mas não apontam os aspectos que confirmam sua afirmação como verificamos:

Sobre o mesmo aspecto, 04 profissionais responderam que a instituição não possibilita a supervisão qualificada dos seus estagiários, apresentando motivos referentes

aos **recursos materiais/humanos** e/ou **demanda excessiva de trabalho**. Nesse sentido, tivemos uma resposta múltipla, onde o mesmo profissional apontou mais de um aspecto.

Dentre os 04 profissionais, 01 profissional declarou que a instituição não possibilita a supervisão qualificada, porém não apresentou os aspectos que impedem essa supervisão qualificada, apenas demonstrou em sua fala seu compromisso na realização da supervisão de estágio.

*“Não, entretanto, **através de uma atuação crítica, compreendendo como se materializa o processo teórico metodológico, técnico operativo e ético político**, o Assistente Social garante uma supervisão com qualidade direcionada a defesa do PEP.”* (Sujeito 10)

*“Frequentemente esbarramos em situações que acabam interferindo na qualificação do processo de aprendizagem, ou seja, **ausência de recursos humanos e/ou materiais**.”* (Sujeito 8)

*“[...] **infelizmente, por falta de recurso humano [...] grande quantidade de demanda de serviço**.”* (Sujeito 12)

*“[...] **o trabalho é muito dinâmico** e o espaço **está passando por uma reestruturação na metodologia de trabalho**, por isso a supervisão ficou prejudicada.”* (Sujeito 1)

Os profissionais apontam a **falta de recurso humano** e a **demanda excessiva de trabalho** como condições que, impossibilitam a realização de uma supervisão qualificada. Ressalto que um dos profissionais assinalou as duas condições. Outro profissional apontou como motivo o **dinamismo do trabalho** e a **reestruturação na metodologia de trabalho** da instituição.

Com as declarações apresentadas identificamos que a maioria dos campos de estágio, onde os estudantes/estagiários da primeira turma de Serviço Social da UNIFESP/BS estão inseridos, apresenta condições que possibilitam a supervisão qualificada, na leitura dos profissionais supervisores de campo. E isso, se apresenta de diferentes formas, como vimos anteriormente. Nesse sentido, destacamos que os profissionais assistentes sociais/supervisores de campo, sentem que as instituições em que atuam, percebem o estagiário como pessoa em processo de formação, oferecendo condições para que a supervisão de estágio aconteça de maneira qualificada.

Como vimos, essas condições ou a falta delas, contribuem ou dificultam uma supervisão qualificada de estágio.

Reiteramos o que já foi dito no capítulo anterior, *“a construção de uma profissão não pode ser confundida com a preparação para o emprego, uma vez que o trabalho do assistente social não se limita à realização de um leque de tarefas [...]”* (LEWGOY, 2010).

A mesma autora aponta que:

[...] Devem ser condições nas quais a formação não seja subordinada às leis do mercado, à sua adequabilidade e funcionalidade [...] O processo de supervisão de estágio, ao se vincular à formação em Serviço Social, não pode ser reduzido à mera preparação de tarefas, ação atrelada à burocracia, aos ditames mecânicos, rotineiros e essencialmente técnicos. (2010, p. 30)

As respostas destacadas acima nos mostram que a instituição concedente participa e possibilita a supervisão qualificada de estágio, refletindo na formação profissional deste futuro profissional que é o estudante/estagiário.

c.2 - Conhecimento Profissional do Supervisor de Campo

Quanto às condições, pertinentes ao conhecimento do profissional assistente social/supervisor de campo para ofertar uma supervisão qualificada, 05 profissionais disseram possuir condições/conhecimento, destacando como essas condições **o conhecimento teórico/metodológico, técnico/operativo e ético/político, tempo de experiência e formação continuada** que possuem; 05 profissionais responderam positivamente essa questão, mas não definiram quais são esses conhecimentos.

“Entende-se que o conhecimento deve ser buscado todos os dias do fazer profissional.” (Sujeito 10)

*“Acredito que **numa supervisão, todos são beneficiados** [...] esta é minha primeira experiência como supervisora.”* (Sujeito 3)

*“Acredito que **todo profissional de Serviço Social tem conhecimento e condições de ofertar uma supervisão qualificada** [...].”* (Sujeito 4)

*“Acredito que **tenho condições de ofertar uma supervisão qualificada**, pois quero supervisionar atrelando a teoria e a prática dentro do projeto ético político da profissão.”* (Sujeito 11)

*“[...] a própria **atuação do estagiário, seu crescimento e conduta nos faz crer que ofertamos uma supervisão de qualidade.**”* (Sujeito 13)

*“**Conhecimento teórico/metodológico, técnico/operativo e ético/político.**”* (Sujeito 1)

*“[...] Trabalhamos por 5 anos dentro da Secretaria de Assistência Social de Santos, isso nos possibilitou ter uma **experiência com gestão** e hoje ter o contra ponto de estar atuando no terceiro setor.”* (Sujeito 2)

*“[...] com os **anos de atuação** acredito que tenho bagagem suficiente para poder orientar e exigir o melhor do meu supervisionado.”* (Sujeito 5)

*“[...] tenho compromisso com o projeto ético político, o **investimento na minha qualificação** alteram o espaço ocupacional e me permite ampliar e agregar este conhecimento com a estagiária como preconiza a atribuição.”* (Sujeito 6)

*“**Buscar o conhecimento constantemente** favorece tal prática.”* (Sujeito 7)

Como vimos acima, a maioria dos profissionais (05) diz ter condições/conhecimento para ofertar uma supervisão de qualidade, mas não apontam quais são esses conhecimentos ou não conseguiu definir, destacando apenas, que o profissional de Serviço Social possui condições;

Outros profissionais creditaram essa condição ao seu **conhecimento teórico/metodológico, técnico/operativo e ético/político**; pelo **tempo de experiência** que possuem na área e a **formação continuada**.

Dos profissionais pesquisados, 03 responderam não possuir condições/conhecimento para ofertar uma supervisão qualificada.

*“Sinto que deveríamos **ter cursos de qualificação profissional direcionado a supervisão**.”* (Sujeito 8)

*“[...] seria necessário melhor **qualificar os próprios profissionais para tal tarefa**.”* (Sujeito 9)

*“[...] na maioria das vezes não, **em razão da dinâmica do serviço**.”* (Sujeito 12)

Desses 03 profissionais, 02 apontam a respeito à **falta de cursos de qualificação sobre o tema**; 01 profissional afirma não ter condições/conhecimento para ofertar uma supervisão qualificada, relacionando tais condições/conhecimento com as condições da instituição.

Percebemos com as respostas apresentadas, como vimos no capítulo anterior e no mapeamento do perfil que, os profissionais assistentes sociais/supervisores de campo, mesmo afirmando que possuem condições/conhecimento para ofertar uma supervisão qualificada, deixam transparecer uma lacuna existente na formação a respeito do estágio supervisionado em Serviço Social, baseando sua supervisão no empirismo e apontando a necessidade de cursos, eventos, momentos que discutam o processo de supervisão de estágio em Serviço Social.

A supervisão de estágio em Serviço Social não pode ser entendida como “ensino da prática”, antes, deve ser compreendida na formação profissional que, como aponta Rosa Pinto “[...] não se completa na conclusão do curso, pelo contrário, o curso é seu desencadeador.” (1997, p. 45).

Nessa mesma ótica, a formação profissional do assistente social é compreendida como “um processo contínuo e inacabado de autoqualificação, de educação permanente, de construção de saberes mediatizados pela prática social, na qual se insere a prática profissional”. (Pinto, 1997, p. 46)

Assim, a formação profissional do Serviço Social, deve ser entendida como um processo permanente de conhecimento ativo/contínuo da profissão, orientada por um projeto profissional coletivamente construído, exigindo do profissional, uma competência teórico/metodológica e técnico/política adequada, decorrente, como dito anteriormente, do acúmulo de experiências pessoais e sociais; da visão de mundo; dos subsídios teóricos anteriores; das demandas da sociedade e das demandas da própria profissão.

c.3 - Universidade

Quando perguntados sobre a universidade, ou seja, se esta oferta condições para uma supervisão qualificada de estágio, um grupo de profissionais destacou que não é outro que sim. Nessa questão os profissionais apresentam, em suas respostas, mais de um aspecto, vamos agrupar aqui os aspectos que aparecem como principais e dentro desses dizer quantos se referiram a esse aspecto, entendendo que o mesmo profissional pode ter citado na sua resposta mais de um desses aspectos, portanto os números que aparecerá aqui demonstrará essa múltipla resposta.

Dos profissionais pesquisados, 06 responderam que a universidade oferta condições para a supervisão de campo qualificada, creditando essa condição a **orientação/acompanhamento da universidade; realização de eventos/encontros e presença no campo de estágio.**

*“Todas as **orientações que necessitei me foram dadas [...]**” (Sujeito 5)*

*“[...] observei o **comprometimento e acompanhamento** da supervisão da universidade.” (Sujeito 11)*

*“[...] **buscando ofertar aos supervisores de campo, uma parceria**, no sentido de apoiar e qualificar cada vez mais as supervisões realizadas pelos supervisores de campo.” (Sujeito 13)*

*“[...] **propicia encontros no campus.**” (Sujeito7)*

*“**Criou o fórum de supervisão de estágio que contribui para aproximar muitos profissionais** que estavam longe dos círculos acadêmicos, agregando qualidade a este processo [...]” (Sujeito 10)*

*“[...] **sempre foram muito presentes.**” (Sujeito 5)*

“[...] através de visita a organização de estágio [...]” (Sujeito7)

A maioria dos profissionais credita que a universidade oferece condições para a supervisão de campo devido à **orientação/acompanhamento** que esta proporciona aos supervisores de campo. Outros fazem menção à **realização de encontros/eventos** promovidos pela universidade na intenção de ofertar condições para a supervisão de campo qualificada; outros identificam essa condição com a **presença da universidade no campo de estágio**.

Dos profissionais que afirmaram que a universidade oferta condições para a supervisão de campo qualificada, 01 profissional, mesmo afirmando que sim, aponta a necessidade de uma relação mais próxima da supervisão acadêmica com a de campo.

“[...] mas penso que a supervisão acadêmica precisa estar mais próxima da supervisão de campo, com reuniões sistemáticas, para que possa ter uma troca.” (Sujeito 1)

Nessa mesma perspectiva, 06 profissionais afirmaram que a universidade não oferta condições para a supervisão de campo qualificada, apontou que isso ocorre devido ao **distanciamento existente entre universidade e campo de estágio**, pela **falta de conhecimento da temática do campo de estágio e falta de curso de qualificação**. Nessa questão o mesmo profissional pode ter citado em sua resposta mais de um desses aspectos, portanto os números que aparecerá aqui demonstrará essa múltipla resposta.

“Penso que a universidade deveria estar mais próxima dos supervisores de campo, para orientar [...]” (Sujeito 4)

“[...] faltou presença de alguém da universidade.” (Sujeito 6)

“Devido ao distanciamento que existe entre a universidade e o campo de estágio.” (Sujeito 8)

“[...] as instituições de ensino, de modo geral, ainda se prendem a contatos mensais ou bimestrais com os profissionais [...]” (Sujeito 9)

“Acredito que deveriam conhecer melhor a área de atuação onde a discente se encontra [...]” (Sujeito 6)

“Não se pensou em cursos de qualificação para supervisão [...]” (Sujeito 9)

A maioria dos profissionais menciona que a universidade não oferta condições para a supervisão de campo devido o **distanciamento existente entre universidade e campo de**

estágio. Outros mencionam sobre a **falta de conhecimento da temática do campo** de estágio; a **falta de curso de qualificação para a supervisão.**

Dos profissionais pesquisados, 03 mencionaram que não poderiam opinar:

“[...] não tivemos contato, pois foi um período de greve o que impossibilitou essa troca.” (Sujeito 2)

“[...] me deparei com a greve de professores da UNIFESP, com isso acredito que a troca que deveria existir entre supervisores foi prejudicada, portanto não posso avaliar.” (Sujeito 3)

“Não sei informar.” (Sujeito12)

A partir das falas apontadas, notamos que os profissionais assistentes sociais/supervisores de campo sentem a necessidade de uma proximidade maior com a universidade, representada pelo supervisor acadêmico, seja para conhecer melhor a área de atuação do campo de estágio ou até mesmo na relação entre supervisores de campo e acadêmico.

A partir das leituras realizadas identificamos a participação da universidade na realização da supervisão de estágio como fundamental e também, como estratégia que possibilita a formação continuada de profissionais na atuação direta e que, às vezes, não tiveram sua formação vinculada ao projeto profissional do Serviço Social.

Nessa mesma dimensão Lewgoy (2010, p. 28) aponta que “[...] é necessário entender melhor as estratégias utilizadas para a formação do ensino superior a fim de não isolar, hierarquizar ou subalternizar a supervisão.”.

As respostas destacadas apontam para a importância de se pensar uma supervisão de estágio integrada entre os sujeitos que a envolvem, ou seja, supervisor de campo, supervisor acadêmico e estudante/estagiário.

Pensar a supervisão de estágio por um ângulo, onde os três sujeitos mencionados acima, possam vivenciar uma complementaridade e não, como produto de uma concepção fragmentada e ainda, uma concepção dicotômica entre teoria e prática.

Como aponta Pinto (1997, p. 6) “[...] As tarefas de ambos, em relação ao aluno, não são excludentes, mas congruentes e embora tenham naturezas diferentes, devem convergir para o mesmo fim.”.

c.4 – Estudante/estagiário

Pensando as condições para realização da supervisão de estágio também, verificamos a relação do estudante de Serviço Social e sua preparação para o processo de estágio supervisionado.

A esse respeito tivemos um grupo de 05 profissionais que afirma que o estudante chega preparado para esse processo de estágio supervisionado, destacando seu **conhecimento teórico básico** (04) e sua **identificação com o campo de estágio** (01).

Quanto ao conhecimento teórico básico do estudante, tivemos as seguintes colocações:

“Em cinco períodos os conhecimentos básicos do Serviço Social já foram assimilados, o que contribui para a relação teoria/prática.” (Sujeito 1)

“O estagiário já tem uma base teórica necessária para compreender a realidade de cada instituição.” (Sujeito 4)

“Os estudantes tem chegado trazendo bastante conhecimento e informação.” (Sujeito 8)

“[...] uma ótima preparação na faculdade, apresentando um excelente conteúdo teórico e prático [...] os estagiários são muito envolvidos com o trabalho/programas/eventos da faculdade, o que amplia a visão dos mesmos.” (Sujeito 11)

“[...] o estudante [...] se identifica com a demanda [...].” (Sujeito 12)

Dos profissionais, 03 não consideram que o estudante chega preparado para o processo de estágio supervisionado:

“O estagiário encontra-se em processo de aprendizado, de agregar conhecimento.” (Sujeito 7)

“O estagiário é um “puro aberto”, e é gradativamente que ele se prepara e se insere nesse processo.” (Sujeito 13)

“[...] o fato de estar cursando uma universidade, não quer dizer que estejam prontos [...].” (Sujeito 6)

Como vimos, a maioria não considera o estudante preparado para o momento de estágio supervisionado, identificando esse momento como um **processo de ensino/aprendizagem** e **processo gradual**. Outro profissional afirma que não, porém não aponta o que falta para isso.

Tivemos ainda, um grupo de 04 profissionais que consideram relativa essa preparação do estudante para o processo de estágio supervisionado, o que tem a ver com cada estudante, não sendo possível uma análise mais geral.

“Depende muito da área escolhida [...]” (Sujeito 1)

“Acredito no processo contínuo [...] depende do grau de comprometimento do aluno/estagiário.” (Sujeito 3)

“Isso é bem relativo. Já trabalhei com alunos plenamente preparados para o campo de estágio, mas paralelamente, também já recebi alguns que claramente ainda apresentavam sérias dificuldades para o desempenho da prática.” (Sujeito 9)

“Cada estudante, tem uma forma de receber e decodificar as informações que lhes são transmitidas e assim, poder processá-las.” (Sujeito 10)

Constata-se assim, que a maioria identifica que a preparação é relativa, porque depende do compromisso do estudante neste processo de estágio supervisionado, o que não apontou uma análise mais geral sobre o processo de formação, vinculando ao estudante individualmente tal preparação ou não.

Nessa mesma perspectiva, 01 profissional não definiu “sim” ou “não”, a respeito de como avalia a preparação do estudante para a realização do estágio supervisionado, mas assinala quanto à característica investigativa do estudante, que nesse processo de formação, tende, sempre, a levantar questionamentos.

“Não digo de todo preparado, mas apresentou sempre condições de argumentação.” (Sujeito 5)

Entendendo o estudante/estagiário como pessoa em processo de formação e que o espaço do estágio supervisionado proporciona momento de apropriação dos conceitos apreendidos na universidade, essas interpretações merecem atenção, pois podem produzir, sobre o estudante/estagiário, uma responsabilidade que não é só dele, pois essa concepção traz novamente à tona a questão já mencionada anteriormente, sobre as lacunas presentes na formação, no que diz respeito ao estágio supervisionado em Serviço Social.

O Projeto Ético-Político da profissão em consonância com as Diretrizes, a Lei de Regulamentação e o Código de Ética de 1993 solicitam um novo perfil profissional que, entenda teoria/prática como unidade, onde o estágio supervisionado seja espaço da materialização dessa unidade.

Para isso, os sujeitos envolvidos nessa trama, carecem entender a importância de seus papéis na construção de uma supervisão qualificada de estágio que busca construir um novo perfil de profissional.

O novo perfil que se busca construir é de um profissional afinado com a análise dos processos sociais, tanto em suas dimensões macroscópicas quanto em suas manifestações quotidianas; um profissional criativo e inventivo, capaz de entender o “tempo presente, os homens presentes, a vida presente” e nela atuar, contribuindo, também, para moldar os rumos da história. (IAMAMOTO, 2010, p. 49)

Com a análise das perguntas contidas nos questionários percebemos que o estágio supervisionado tem um significativo papel no processo de formação profissional, pois representa, essencialmente ao estudante, uma possibilidade de aproximação à realidade cotidiana dos indivíduos sociais, associada à apropriação de conhecimentos teórico-metodológicos, que orientam o exercício profissional do assistente social.

É uma atividade curricular-obrigatória que, pressupõe o acompanhamento e a orientação profissional, através do processo de supervisão acadêmica e de campo, configurando um dos princípios que fundamenta a formação profissional, preconizados pela ABEPSS: a indissociabilidade entre estágio e supervisão.

Portanto, concordamos com lamamoto ao afirmar que:

O estágio é concebido como processo de qualificação e treinamento teórico-metodológico, técnico-operativo e ético-político do aluno, inserido no campo profissional, em que realiza sua experiência de aprendizagem sob a supervisão direta de um assistente social, que assume a função de supervisor de campo. O acompanhamento acadêmico do estágio é uma atividade realizada por um(a) professor(a) de Serviço Social (...) que assume o papel de supervisor acadêmico. (2010, p. 290)

Diante das questões levantadas, dos limites e desafios impressos para a realização efetiva de um estágio supervisionado qualificado, consideramos o descrito por lamamoto, “o desafio é, pois, garantir um salto de qualidade no processo de formação profissional dos assistentes sociais.” (2010, p. 169).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Minha casa não é minha, e nem é meu este lugar
Estou só e não resisto, muito tenho pra falar
Solto a voz nas estradas, já não quero parar
Meu caminho é de pedras, como posso sonhar
Sonho feito de brisa, vento vem terminar [...]*
Milton Nascimento

Buscamos, através deste estudo, compreender como se dá o processo de supervisão de estágio como parte do trabalho profissional dos assistentes sociais/supervisores de campo da primeira turma de Serviço Social da UNIFESP/BS. Para além de compreender esse processo, nossa intenção também estava voltada para o registro histórico dessa realidade. Nesse sentido, percorremos um caminho que nos orientou na construção desse trabalho e na identificação dos pontos importantes da pesquisa de campo, possibilitando perceber o processo de supervisão de estágio, os desafios presentes para sua efetivação bem como, apontar elementos para que sua realização ocorra de forma qualificada. Diante disso, resgatamos os conteúdos apreendidos no decorrer do curso, aprofundando alguns aspectos relevantes ao estudo em questão.

O resultado desse estudo, não representa um fim em si mesmo, contudo abre uma gama de novas inquietações, questionamentos e o desejo de continuar estudando e pesquisando sobre a temática que envolve o trabalho profissional.

Apresentaremos nesse momento, um breve resgate dos principais pontos encontrados para a construção da pesquisa e, alguns aspectos que, nos revelam, sempre, algo novo, nos impulsionando a querer estudar e pesquisar.

Procuramos identificar o trabalho a partir de duas dimensões: ontológica e na sociedade de classes. Entendendo o trabalho como fundante do ser social, onde o homem, na relação com a natureza e com outros homens, transforma a natureza para que suas necessidades possam ser atendidas. Difere-se de outros animais, pois antecipa em sua consciência o fim que quer alcançar, através de sua capacidade teleológica, se objetivando na realização desse trabalho. Na sociedade de classes, o homem já não se identifica com o produto final de seu trabalho, tornando-se um trabalho alienado. A lógica do assalariamento coloca o trabalhador, apenas como detentor de sua força de trabalho, sendo condicionado a fazer determinado trabalho em troca de um salário, distanciando-o do resultado de seu trabalho.

A profissão de Serviço Social, como uma especialização do trabalho coletivo, está inserida nessa lógica capitalista, determinada pela divisão sócio-técnica do trabalho. O trabalho desse profissional também se encontra nessa mesma perspectiva de

assalariamento, sendo marcado pela desigualdade presente nessa sociedade orientada pela lógica do capital.

Pensando as determinações do capital, o coletivo da profissão há aproximadamente duas décadas, vem traçando orientações para o profissional de Serviço Social, materializadas em nosso Código de Ética, Lei de Regulamentação da Profissão, Diretrizes Curriculares, entre outras regulamentações. Dentre as várias atribuições descritas nesse Código temos uma que é foco desse estudo: a supervisão de estagiários de Serviço Social.

A categoria profissional entende esta atribuição como privativa do assistente social, reconhecendo este como um processo de formação profissional, imprescindível para o desenvolvimento do estudante e para o fortalecimento do Projeto Ético Político, atual da profissão, pois é nesse momento que o estudante pode apreender a unidade teoria/prática de forma concreta, ou seja, diretamente na realidade.

A supervisão de estágio é entendida na relação com três sujeitos: supervisor acadêmico, supervisor de campo e estudante/estagiário, como preconiza as Diretrizes Curriculares, a Lei que regulamenta a profissão, a PNE e o próprio Código de Ética. É na relação entre eles que, a supervisão de estágio acontece de fato, proporcionando um espaço de ensino/aprendizado.

Após este aprofundamento teórico e conceitual, iniciamos o processo de compreensão de como se materializa a supervisão de estágio dessa primeira turma de Serviço Social da UNIFESP/BS.

A partir da fala dos sujeitos, de modo geral, notamos concepções diferentes dos profissionais, sobre a supervisão de estágio, utilizando-se de diversas estratégias para sua materialização, mesmo observando condições diferenciadas para isso.

Com a pesquisa conseguimos traçar um perfil dos profissionais, permitindo conhecer quem eram esses sujeitos, suas características: pessoal, profissional e de formação. Consideramos alguns aspectos, importantes e queremos ressaltá-los, pois nos ajudam a entender o que pensam esses profissionais.

Identificamos que a profissão de Serviço Social, com seu novo jeito de ser vista socialmente, começa a ganhar uma nova configuração quanto à absorção de estudantes também do sexo masculino. Os profissionais pesquisados se encontram em diferentes espaços sócio-ocupacionais, permitindo aos estudantes/estagiários, na supervisão acadêmica, a troca de conhecimentos sobre seus campos de estágio com amplitude no que diz respeito a esta diversidade.

Esses profissionais, ao introduzir em seu campo de trabalho, o estudante/estagiário, talvez, percebam a supervisão de estágio como parte de suas atribuições, enquanto assistente social, indo ao encontro do disposto na Resolução 533 do CFESS (2008).

Outro ponto que nos chamou bastante atenção foi que, ao serem perguntados sobre o conhecimento que possuíam a respeito dos documentos e legislações referentes à profissão, a maioria respondeu positivamente, denotando uma interação com as orientações dispostas nesses documentos sobre a profissão. Entretanto, 01 profissional respondeu que desconhecia o Código de Ética e as Diretrizes Curriculares, o que nos preocupou, visto que este se encontra na posição de supervisor de campo, podendo ter reflexos na formação do estudante/estagiário que está sob sua supervisão. Porém, em relação ao conhecimento a respeito da PNE, a maioria dos profissionais disse conhecer, assinalando um aspecto positivo, pois por se tratar de uma legislação recente (2009), notamos que profissionais que atuam como supervisores de campo já se debruçaram sobre este importante instrumento na efetivação de um estágio supervisionado de qualidade.

Neste sentido, em especial, no que diz respeito à UNIFESP e seus supervisores de campo, também pontuamos a necessidade de interlocução no que diz respeito à apresentação do Projeto Político Pedagógico e a integração referente aos conteúdos trabalhados em sala de aula e os supervisores de campo.

Notamos com essa pesquisa que os profissionais não identificam o espaço de supervisão acadêmica em sua graduação como um local que oriente, quanto ao “ser supervisor”. Sobre a participação em cursos, após a graduação, que “ensinou” a supervisionar, 01 profissional identificou o Fórum de supervisores da UNIFESP/BS como curso realizado com essa finalidade. Sabemos que o Fórum de Supervisores, não é um curso para “aprender” como supervisionar, mas esta indicação mostra que tal evento vem preencher uma lacuna existente. Notamos aqui um ponto importante: o quanto estes profissionais sentem-se e de fato, foram preparados para serem supervisores? Onde está este conteúdo na graduação? Minha experiência na graduação, mais especificamente, no último semestre este tem sido um conteúdo específico na supervisão acadêmica. Talvez, estes profissionais, não tenham sentido que a supervisão acadêmica, na graduação, os preparou para esta atribuição. Por outro lado, não seria também papel da supervisão de campo ser referência para o futuro profissional de como ser um bom supervisor de campo? Com isso, fica posto um ciclo, pois se não tive essas referências, terei dificuldade de ser supervisor de campo e também não serei referência para meu estagiário.

Vale, portanto, afirmar a importância das duas supervisões na construção dos futuros supervisores.

As características apresentadas nos colocaram o seguinte questionamento: como esses profissionais entendem a supervisão de estágio, pensando suas estratégias e os desafios postos para sua efetivação?

Com as perguntas abertas conseguimos apreender sobre a concepção, o processo e as condições que perpassam a supervisão de estágio.

Em relação à concepção de estágio em Serviço Social vimos que, há unanimidade dos profissionais pesquisados ao assumirem a importância desse processo e embora, os profissionais como vimos anteriormente, não tenham tido, em sua graduação e nem após, conteúdos sobre o processo de supervisão de campo, a maioria dos profissionais tem a compreensão de que este é um processo de formação muito vinculado à unidade teoria/prática e que se relaciona com nosso Projeto Ético Político.

Quanto ao processo de supervisão de estágio, fomos agrupando em dois blocos: Dinâmica da Supervisão e Estratégias Utilizadas para a Supervisão.

Referente à Dinâmica da Supervisão destacamos dois pontos: momentos específicos com o estudante/estagiário e processo diário. Nesse aspecto percebemos que 02 dos profissionais a percebe na junção desses dois elementos, ou seja, entende que são necessários momentos específicos com o estagiário, mas que esta supervisão também se dá de forma constante, no decorrer do trabalho diário. Há, no entanto, 04 profissionais que apontaram realizar a supervisão apenas no cotidiano, sem paradas específicas para reflexão. Gostaríamos de frisar aqui a importância destes dois momentos, entendendo que não é possível a realização de uma supervisão qualificada em campo, sem necessários momentos de “suspensão da cotidianidade” que possibilite a reflexão do fazer, o que concretiza a ideia da unidade teoria-prática.

A respeito das Estratégias Utilizadas para a Supervisão, no que se refere aos recursos, pontuamos: a orientação à leitura e discussão de textos para conhecimento; a observação; estudo/discussão de caso e participação nos atendimentos.

Com a pesquisa percebemos a preocupação dos profissionais assistentes sociais/supervisores de campo em viabilizar o conhecimento do estudante/estagiário, (seja através de leitura e discussão de textos, pela observação, estudo e discussão de caso ou a participação nos atendimentos), possibilitando a apreensão, por parte do estudante/estagiário das diferentes manifestações da questão social que exigem a presença do profissional de Serviço Social. Porém, como já mencionamos no início dessas considerações, a cada momento da pesquisa, outras inquietações se apresentavam a nós, sendo este um desses momentos, onde nos perguntamos: Quais os fundamentos teóricos, metodológicos, históricos, éticos e políticos orientam a atuação desse profissional na posição de supervisor de campo? As estratégias citadas são suficientes para proporcionarem a compreensão da unidade teoria/prática, por eles mesmos apontadas? Qual referencial teórico norteia a utilização dessas estratégias?

Observamos ainda, que a maioria dos profissionais referiu-se a apenas uma dessas estratégias como recurso utilizado na supervisão de campo. Esse dado nos remete mais uma vez a questão: a formação dos assistentes sociais possibilita a formação de supervisores de campo? Acreditamos que este é um grande nó a ser observado pela comissão de estágio da UNIFESP, no sentido de dar mais subsídios aos assistentes sociais/supervisores de campo que os possibilite se apropriarem de estratégias e recursos que contribuam para a formação do estudante/estagiário. Por fim, sobre as Condições para a Realização da Supervisão, as perguntas que apontavam nessa direção diziam respeito à Instituição concedente do estágio, ao Conhecimento profissional do supervisor de campo, a Universidade e ao Estudante/estagiário.

No que diz respeito à Instituição concedente do estágio, a maioria dos profissionais supervisores de campo identificaram a existência de condições que possibilitam a supervisão qualificada, sendo que a maioria avalia dessa forma, pois percebe na instituição um local que propicia uma autonomia ao profissional assistente social no que concerne a sua relação com os estagiários, não interferindo nas decisões concernentes a supervisão de estágio. Nesse sentido, percebemos que os profissionais assistentes sociais/supervisores de campo, sentem que as instituições em que atuam, têm o estagiário como pessoa em processo de formação, oferecendo condições para que a supervisão de estágio aconteça de maneira qualificada.

A respeito do Conhecimento profissional do supervisor de campo, os profissionais assistentes sociais/supervisores de campo, mesmo afirmando que possuem condições/conhecimento para ofertar uma supervisão qualificada, mais uma vez, deixam clara a lacuna existente na formação a respeito do estágio supervisionado em Serviço Social, apontando a necessidade de cursos, eventos, momentos que discutam o processo de supervisão de estágio em Serviço Social.

Quanto à Universidade, notamos que os profissionais assistentes sociais/supervisores de campo sentem a necessidade de uma proximidade maior com a universidade, seja para conhecer melhor a área de atuação do campo de estágio ou até mesmo na relação entre supervisores de campo e acadêmico.

Com isso percebemos que a participação da universidade na realização da supervisão de estágio se torna fundamental, pensando-a como estratégia, possibilitadora de uma formação continuada desses profissionais que em, algumas vezes, não teve uma formação embasada no atual projeto profissional do Serviço Social.

Em relação ao Estudante/estagiário, a maioria dos profissionais identifica que a preparação é relativa, pois depende do compromisso do estudante neste processo de

estágio supervisionado, não apontando uma análise mais geral sobre o processo de formação, associando ao estudante individualmente essa preparação.

Esse trabalho permitiu conhecer esse universo, a fim de pensar como esse processo de supervisão de estágio se materializa, acreditamos que, além de conseguir realizar um registro histórico da realidade atual, referente à formação dos estudantes da primeira turma de Serviço Social da UNIFESP/BS, possibilitou pensar alguns desafios presentes na constituição de uma supervisão de estágio qualificada como também, refletir sobre a necessidade de novas estratégias para a realização da supervisão.

É preciso pensar a supervisão de estágio, não apenas, enquanto supervisão de campo, mas articulando esta com os demais sujeitos que a envolve (supervisor acadêmico e estudante/estagiário), pensando mecanismos que possibilitem um maior entrosamento entre estes sujeitos, na intenção de promover momentos de reflexão que permitam pensar o estágio supervisionado em Serviço Social de acordo, com o já dito anteriormente: as Diretrizes Curriculares, a Lei de Regulamentação e o Código de Ética de 1993, a fim de proporcionar uma supervisão de campo qualificada e comprometida com o atual projeto profissional, - o Projeto Ético Político da profissão.

Com isso, este trabalho tem a pretensão de contribuir na construção da Política de Estágio do curso de Serviço Social da UNIFESP/BS, pois acredita que os dados obtidos ajudam a pensar aspectos importantes na realização do estágio supervisionado em Serviço Social.

REFERÊNCIAS

ABEPSS. **Política Nacional de Estágio** da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Brasília, 2010.

ABEPSS. **Política Nacional de Estágio** da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, 2010. In: OLIVEIRA, Cirlene A. H. da S. Formação profissional em Serviço Social: “velhos” e novos tempos, ... constantes desafios In: Revista Serviço Social e Realidade, v.13, n.2. Franca: UNESP, 2004.

ABRAMIDES, Maria Beatriz C. **O ensino do trabalho profissional**: O estágio na formação profissional. Palestra proferida na oficina da Região Sul II – Gestão 2003-2004 ABEPSS. São Paulo, 2003.

ACOSTA, Ana Rojas [et al]. **Manifesto de Fundação do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)**, do campus Baixada Santista. Revista Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n. 102, p. 391-396, abr./jun. 2010.

ALMEIDA, Ney L. T. **Magistério, direção e supervisão acadêmica**. P. 638. In: Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. – Brasília: CFEES/ABEPSS, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 7ª reimpressão – São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

BRASIL. **Lei nº 8.662/93**, de 07 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a profissão do assistente social.

_____. **Diretrizes Curriculares** de 1996.

CARDOSO, Priscila F. G. e VICENTE, Damares P. Manual, **Não; Metodologia, Sim!** – A instrumentalidade no trabalho com famílias.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL – CFEES. **Código de Ética Profissional do Assistente Social. Lei 8662/93 de regulamentação da profissão**. – 3ª ed. rev. E atual. – Brasília, 1997.

_____. **RESOLUÇÃO nº 533**, de 29 de setembro de 2008. Regulamenta a supervisão direta de estágio em Serviço Social.

CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO – CRESS/SP, 9ª Região – 3ª ed. rev., atual. e ampl. até dezembro de 2007 – São Paulo: O Conselho, 2007.

GOUVÊA, M. G. **Estágio, Supervisão e Trabalho Profissional**. Serviço Social & Realidade (Franca), v. 17, n. 1, p. 65-78, 2008.

GRANEMANN, Sara. **O processo de produção e reprodução social**: trabalho e sociabilidade. P. 223. In: Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. – Brasília: CFEES/ABEPSS, 2009.

GUERRA, Yolanda. **Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Módulo 4: O trabalho do assistente social e as políticas sociais. Cadernos do Programa de Capacitação Continuada para Assistentes Sociais. CFEES/ABEPSS- UNB, 2000.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Renovação e Conservadorismo no Serviço Social**: Ensaio crítico. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **O Serviço Social na Contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 19ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Serviço Social em Tempos de Capital Fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2008.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política - Livro I – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LESSA, Sérgio. **O Processo de Produção/Reprodução Social**: Trabalho e Sociabilidade. Capacitação em Serviço Social e Política Social: Módulo 2: Crise Contemporânea, Questão Social e Serviço Social. – Brasília: CEAD, 1999.

LEWGOY, Alzira Maria Baptista. **Supervisão de Estágio em Serviço Social**: desafios para a formação e o exercício profissional. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social**: Uma análise do Serviço Social no Brasil pós 64. 9º ed. São Paulo: Cortez, 2006.

NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. **Economia Política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVA, Maria Herlinda Borges. **O estágio na formação profissional**. Rev. Serviço Social & Sociedade. (São Paulo) nº 29, p.149-160, 1989.

PEQUIÁ, Raquel Renzo da Silva & ROSA, Rosenete Gonçalves. **Pelos Caminhos do Estágio Supervisionado em Serviço Social**: uma análise à luz das novas diretrizes curriculares. Revista Serviço Social & Saúde. UNICAMP Campinas, v. IX, n. 10, Dez. 2010.

PERAZZA, Clélia Maria da Silva. **O supervisor de campo como sujeito do processo de formação profissional** e sua relação com a Unidade de Ensino de Serviço Social no Estado de São Paulo nos anos 90. Dissertação de Mestrado. PUCSP, 1999.

PINTO, Rosa Maria Ferreira. **Estágio e supervisão**: um desafio teórico-prático do serviço social. Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Identidade. São Paulo, 1997.

PONTES, Reinaldo Nobre. **Mediação**: categoria fundamental para o trabalho do assistente social. In: Capacitação em Serviço Social e Políticas Sociais: Módulo 4: O Trabalho do assistente social e as políticas sociais – CEAD, Brasília, 2000.

RAMOS, Sâmia Rodrigues. **As diretrizes curriculares e a política nacional de estágio**: fundamentos, polêmicas e desafios. Revista Temporalis. ABEPSS Brasília, v. IX, n. 17, jan./jul. 2009.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

SILVA, Maria Dulce. **O estágio na formação profissional: elementos para análise**. Rev. Serviço Social & Sociedade. (São Paulo) nº 45, p. 147-155. 1994.

SIQUEIRA, Mônica Maria Nunes da Trindade. **A formação do assistente social: a afetividade na supervisão de estágio.** 2006. 196f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2006.

VASCONCELOS, Iana. **Dilemas e desafios do estágio curricular em Serviço Social: expressão dos (des)encontros entre a formação profissional e o mercado de trabalho.** Revista Temporalis. ABEPSS Brasília, v. IX, n. 17, jan./jul. 2009.

FILMOGRAFIA

A guerra do fogo. Alemanha/Canadá. 1981. Direção: Jean-Jacques Annaud. Duração: 97 min.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

HERÁCLITO. **Pensamento de Heráclito.** Disponível em <http://pensador.uol.com.br/pensamento_de_heraclito/2/>. Acesso em 23 mar. 2013.

LINSPECTOR, Clarice. **Pensamento de Clarice.** <http://pensador.uol.com.br/frases_de_clarice_linspector/2/>. Acesso em 31 mar. 2013.

MEL, Cristina. Nunca Dida adeus. Disponível em <<http://letras.mus.br/cristina-mel/90169/>>. Acesso em 22 mar. 2013.

NASCIMENTO, Milton. **Travessia.** Disponível em <<http://milton-nascimento.letras.terra.com.br?letras/4725/>>. Acesso em 22 mar. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO PRÓ REITORIA DE GRADUAÇÃO. 2010. São Paulo. **Transferência Externa.** São Paulo: UNIFESP, 2010. em <http://www.unifesp.br/prograd/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1130:transferencia-externa-unifesp-2010&catid=614:transferencia-anos-anteriores&Itemid=100033>. Acesso em 04 de março de 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO PRÓ REITORIA DE GRADUAÇÃO. São Paulo. **Serviço Social.** São Paulo: UNIFESP. Disponível em <<http://www.baixadasantista.unifesp.br/ss.php>>. Acesso em 04 de março de 2013.

ANEXOS

Santos, 01 de janeiro de 2013.

Prezada (o) Assistente Social,

Meu nome é Priscila Greice dos Santos Cabral, sou aluna do 8º termo de Serviço Social na Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP e estou realizando uma pesquisa que tem por título **"Supervisão de Estágio: Imposição não! Atribuição!"**, sob a orientação da Profª. Drª. Priscila Cardoso. Essa pesquisa diz respeito ao Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, que faz parte do processo de formação no curso de Serviço Social.

O questionário em anexo, é peça chave desta pesquisa para apreendermos como se dá o processo de supervisão de estágio. Após a devolutiva dele, faremos sua tabulação e análise dos dados apresentados no referido instrumento.

Portanto, solicito encarecidamente sua participação preenchendo este questionário, disponibilizando cerca de 20 a 30 minutos de seu precioso tempo de trabalho, para contribuir no alcance do objetivo desta pesquisa que é: compreender como se dá o processo de estágio como parte do trabalho profissional dos assistentes sociais/supervisores de campo da primeira turma de Serviço Social da UNIFESP.

Tenho o desejo de poder realmente compreender este trabalho com o maior número de informações possíveis e elas só podem ser dadas e ter efeito real, à medida que você (e os demais colegas) se sensibilizem e participem desta empreitada comigo.

Portanto, envio este questionário solicitando o seu preenchimento até o dia 15/02/2013 e devolvendo-o pelo mesmo meio que lhe foi enviado.

Sem mais,

Priscila Greice dos Santos Cabral
Aluna de Serviço Social - Pesquisadora

Solicitamos sua contribuição respondendo a esse questionário para que a pesquisa possa ser concluída com fidedignidade, expressando a realidade do estágio no trabalho profissional. Salientamos que, caso seja seu desejo, os nomes serão mantidos em sigilo e o item Nome na identificação servirá apenas para que a pesquisadora oriente-se quanto às respostas, não sendo citado durante o trabalho.

Caso concorde, seu nome aparecerá na análise do trabalho, como forma de reconhecimento de sua condição de supervisor. Por favor, assinale abaixo sua escolha:

() Aceito minha identificação na pesquisa () Não aceito minha identificação na pesquisa

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

I - IDENTIFICAÇÃO:

NOME DO^(A) PROFISSIONAL:

1) SEXO:

() FEMININO () MASCULINO

2) IDADE:

() - 20-24 () - 25-34 () - 35-44 () - 45-59 () - 60 E MAIS

3) QUAL SUA PERTENÇA ÉTNICO-RACIAL?

() - BRANCA () - PRETA/NEGRA () - INDÍGENA () - ORIENTAL

Escreva o nome da sua PERTENÇA ÉTNICO-RACIAL caso NÃO SEJA uma das alternativas.

II - SITUAÇÃO PROFISSIONAL:

4) QUANTOS VÍNCULOS EMPREGATÍCIOS, NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL, VOCÊ POSSUI?

() - NENHUM () - UM () - DOIS () - TRÊS OU MAIS

5) QUAL O TIPO DO SEU PRINCIPAL VÍNCULO EMPREGATÍCIO?

Entende-se por PRINCIPAL o vínculo empregatício que seja mais estável e/ou o de maior carga horária.

() - ESTATUTÁRIO () - CELETISTA () - SERV. PRESTADO () - CONTRATO TEMPORÁRIO

Escreva o nome do TIPO do seu PRINCIPAL VÍNCULO EMPREGATÍCIO caso NÃO SEJA uma das alternativas.

6) QUAL A NATUREZA DO SEU PRINCIPAL VÍNCULO EMPREGATÍCIO?

- () - PUBL. FEDERAL () - PUBL. ESTADUAL () - PUBL. MUNICIPAL
() - PRIVADA () - TERCEIRO SETOR

7) QUAL A ÁREA DE ATUAÇÃO DO SEU PRINCIPAL VÍNCULO EMPREGATÍCIO?

Escreva o nome da ÁREA do seu PRINCIPAL VÍNCULO EMPREGATÍCIO. Ex.: Habitação, Saúde etc.

8) QUANTOS ESTAGIÁRIOS FICAM SOB SUA SUPERVISÃO?

- () - UM () - DOIS () - TRÊS () - MAIS DE TRÊS

9) O CARGO QUE VOCÊ OCUPA TEM A NOMENCLATURA DE SERVIÇO SOCIAL?

- () - SIM () - NÃO

10) QUANTO TEMPO VOCÊ TRABALHA NA ÁREA DO SERVIÇO SOCIAL?

- () - DE 1 A 5 ANOS () - DE 6 A 10 ANOS () - DE 11 A 15 ANOS () - MAIS DE 16 ANOS

11) QUAL É SUA CARGA HORÁRIA NO PRINCIPAL VÍNCULO?

- () - MENOS DE 20H () - 20H () - 24 H () - 30H () - 40H () - MAIS DE 40H

12) QUAL A SUA RENDA TOTAL NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL (Em salários mínimos)?

- () - ATÉ 3 S/M () - DE 4 A 6 S/M () - DE 7 A 9 S/M () - MAIS DE 9 S/M

III - FORMAÇÃO PROFISSIONAL:**13) QUAL ANO EM QUE VOCÊ SE FORMOU EM SERVIÇO SOCIAL?****14) APÓS A GRADUAÇÃO VOCÊ REALIZOU ALGUM CURSO DE ATUALIZAÇÃO/CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL?**

- () - SIM () - NÃO

15) A SUA ATUAL FORMAÇÃO É?

- () - GRADUADO^(A) () - MESTRE^(A) () - ESPECIALISTA
() - DOUTOR^(A) () - PÓS-DOCTOR^(A)

16) NA GRADUAÇÃO TEVE ALGUMA DISCIPLINA QUE “ENSINOU” A SUPERVISIONAR? QUAL?

- () - SIM () - NÃO

Se a resposta for SIM escreva QUAL o nome da disciplina.

17) JÁ PARTICIPOU DE ALGUM CURSO QUE “ENSINOU” A SUPERVISIONAR? QUAL?

() - SIM () - NÃO

Se a resposta for SIM escreva QUAL o nome do curso.

18) VOCÊ CONHECE/SE APROPRIOU AS DIRETRIZES CURRICULARES PARA O SERVIÇO SOCIAL ELABORADAS PELA ABEPSS?

() - SIM () - NÃO

19) VOCÊ CONHECE/SE APROPRIOU A LEI DE REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO (Nº 8662/93)?

() - SIM () - NÃO

20) VOCÊ CONHECE/SE APROPRIOU DO CÓDIGO DE ÉTICA DE 1993?

() - SIM () - NÃO

21) VOCÊ CONHECE/SE APROPRIOU A POLÍTICA NACIONAL DE ESTÁGIO?

() - SIM () - NÃO

22) VOCÊ CONHECE/SE APROPRIOU DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIFESP?

() - SIM () - NÃO

QUESTÕES ABERTAS

- 1) Como você entende a supervisão de estágio em Serviço Social?
- 2) Como se dá a supervisão de campo no seu cotidiano?
- 3) Quais recursos/estratégias utiliza para supervisionar?
- 4) A instituição na qual trabalha possibilita a supervisão qualificada dos seus estagiários? Por quê?
- 5) Você avalia que tem condições/conhecimento necessário para ofertar uma supervisão qualificada? Se sim, que condições são essas? Se não, o que falta?
- 6) Você avalia que a universidade oferta condições para a supervisão de campo qualificada? Por quê?
- 7) Você avalia que o estudante de Serviço Social chega preparado para o processo de estágio supervisionado? Por quê?

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1 – Título do projeto - **Supervisão de Estágio: Imposição não! Atribuição!**

2 – Desenho do estudo e objetivo(s) - **Compreender como se dá o processo de supervisão de estágio como parte do trabalho profissional dos assistentes sociais/supervisores de campo da primeira turma de Serviço Social da UNIFESP.**

3 – Descrição dos procedimentos que serão realizados com seus propósitos – **Na 1ª fase, chamada de pesquisa exploratória, será realizado o preenchimento de questionário junto a todas (os) as (os) assistentes sociais/supervisores de campo da 1ª turma de Serviço Social da UNIFESP, tendo como objetivo traçar o perfil destes profissionais.**

4 – Garantia de acesso: em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O principal investigador é a Profª. Drª. Priscila Cardoso, que pode ser encontrada no endereço Av. Alm. Saldanha da Gama, 89 - Ponta da Praia - Santos/SP, Telefone(s): (13) 3523-5000. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Botucatu, 572 – 1º andar – cj 14, 5571-1062, FAX: 5539-7162 – E-mail: cepunifesp@unifesp.br

5 – É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo.

06 – Direito de confidencialidade – As informações obtidas serão analisadas em conjunto com as de outros pesquisados voluntários, não sendo divulgado a identificação de nenhum entrevistado;

07 – Direito de ser mantido atualizado sobre os resultados da pesquisa, a ser informado a cada pesquisado pelo meio de contato indicado por este;

08 – Despesas e compensações: não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo **“Compreender como se dá o processo de supervisão de estágio como parte do trabalho profissional dos assistentes sociais/supervisores de campo da primeira turma de Serviço Social da UNIFESP.”** Eu discuti com a Profª. Drª. Priscila Cardoso sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de utilização da pesquisa. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Assinatura do pesquisado

Data ____ / ____ / ____

Compreendo que o retorno do questionário preenchido por e-mail significa minha concordância em participar do estudo segundo os termos acima mencionado.

Resultados das Perguntas Fechadas

I - Identificação

1 - Sexo		
Opções	VA	VP
Feminino	11	85%
Masculino	2	15%
Total	13	100%

2 - Idade		
Opções	VA	VP
20 - 24	0	0%
25 - 34	4	31%
35 - 44	1	8%
45 - 59	6	46%
60 - Mais	2	15%
Total	13	100%

3 - Pertença étnico racial		
Opções	VA	VP
Branca	8	62%
Preta/Negra	3	23%
Indígena	0	0%
Oriental	0	0%
Outras	2	15%
Total	13	100%

II- Situação Profissional

4 - Quantidade de vínculos empregatícios		
Opções	VA	VP
Nenhum	0	0%
Um	11	85%
Dois	1	8%
Três ou Mais	1	8%
Total	13	100%

5 - Tipo do principal vínculo empregatício

Opções	VA	VP
Estatutário	9	69%
Celetista	4	31%
Serv. Prestado	0	0%
Contrato Temporário	0	0%
Outro	0	0%
Total	13	100%

6 - Natureza do principal vínculo empregatício

Opções	VA	VP
Publ. Federal	0	0%
Publ. Estadual	2	15%
Publ. Municipal	7	54%
Privada	1	8%
Terceiro Setor	3	23%
Total	13	100%

7 - Área de atuação no principal vínculo empregatício

Opções	VA	VP
Assistência Social	4	31%
Educação / Assistência	2	15%
Habitação	3	23%
População de Rua	1	8%
Futebol	1	8%
Penitenciária	1	8%
Saúde	1	8%
Total	13	100%

8 - Quantidade de estagiário sob sua supervisão

Opções	VA	VP
Um	6	46%
Dois	5	38%
Três	1	8%
Mais de Três	1	8%
Total	13	100%

9 - Cargo que ocupa possui nomenclatura de Serviço Social

Opções	VA	VP
Sim	9	69%
Não	4	31%
Total	13	100%

10 - Tempo que atua na área de Serviço Social

Opções	VA	VP
De 1 à 5 Anos	2	15%
De 6 à 10 Anos	4	31%
De 11 à 15 Anos	2	15%
Mais de 16 Anos	5	38%
Total	13	100%

11 - Carga horária no principal vínculo

Opções	VA	VP
Menos de 20 Horas	0	0%
20 Horas	1	8%
24 Horas	0	0%
30 Horas	10	77%
40 Horas	2	15%
Mais de 40 Horas	0	0%
Total	13	100%

12 - Renda total na área de Serviço Social (em salários mínimos)

Opções	VA	VP
Até 3 S/M	2	15%
De 4 à 6 S/M	8	62%
De 7 à 9 S/M	2	15%
Mais de 9 S/M	1	8%
Total	13	100%

III - Formação Profissional

13 - Ano de formação		
Opções	VA	VP
Antes de 1974	1	8%
1975 - 1979	1	8%
1980 - 1984	1	8%
1985 - 1989	1	8%
1990 - 1994	2	15%
1995 - 1999	2	15%
2000 - 2004	2	15%
2005 - 2009	2	15%
2010 ou Mais	1	8%
Sem resposta	0	0%
Total	13	100%

14 - Realizou algum curso após a graduação		
Opções	VA	VP
Sim	11	85%
Não	2	15%
Total	13	100%

15 - Formação atual		
Opções	VA	VP
Graduado	8	62%
Mestre	0	0%
Especialista	5	38%
Doutor	0	0%
Pós Doutor	0	0%
Total	13	100%

16 - Teve disciplina, na graduação, que "ensinou" a supervisionar		
Opções	VA	VP
Sim	0	0%
Não	13	100%
Total	13	100%

17 - Participou de algum curso que "ensinou" supervisionar

Opções	VA	VP
Sim	1	8%
Não	12	92%
Total	13	100%

18 - Conhece/Se apropriou das Diretrizes Curriculares para o Serviço Social elaboradas pela ABEPSS

Opções	VA	VP
Sim	11	85%
Não	2	15%
Total	13	100%

19 - Conhece/Se apropriou da Lei de Regulamentação da Profissão (nº 8662/93)

Opções	VA	VP
Sim	12	92%
Não	1	8%
Total	13	100%

20 - Conhece/Se apropriou do Código de Ética de 1993

Opções	VA	VP
Sim	12	92%
Não	1	8%
Total	13	100%

21 - Conhece/Se apropriou da Política Nacional de Estágio

Opções	VA	VP
Sim	11	85%
Não	2	15%
Total	13	100%

22 - Conhece/Se apropriou do Projeto Político Pedagógico do curso de Serviço Social da UNIFESP		
Opções	VA	VP
Sim	8	62%
Não	5	38%
Total	13	100%